

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

VALDIR DA SILVA OLIVEIRA

**O ANARQUISMO NO MOVIMENTO PUNK:
(Cidade de São Paulo, 1980-1990).**

MESTRADO EM HISTÓRIA

**SÃO PAULO
2007**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

VALDIR DA SILVA OLIVEIRA

**O ANARQUISMO NO MOVIMENTO PUNK:
(Cidade de São Paulo, 1980-1990).**

MESTRADO EM HISTÓRIA

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em
História sob a orientação da Prof^ª.
Doutora Maria do Rosário Cunha
Peixoto.**

**SÃO PAULO
2007**

Banca Examinadora

Agradeço a minha companheira, esposa e mulher Kida que teve paciência, colaborando com sugestões, me suportando e auxiliando nos momentos difíceis. Aos amigos Marcão, João Paulo e Téia pela contribuição nos longos momentos de debates e discussões. Aos amigos e amigas do Movimento Bota pela longa caminhada de aprendizagem. Ao Antonio Carlos, Orlando e Fábio que gentilmente me concederam depoimentos valiosos. Ao Lopes pela revisão do trabalho. A professora Doutora Maria do Rosário Cunha Peixoto pela eficiência na orientação. A banca de qualificação pelas valiosas contribuições e a todas as pessoas que ajudaram para que essa pesquisa se concretizasse.

Dedico este trabalho ao meu Pai Genival, a minha Mãe Alice e a meus irmão e irmãs: Valdemar, Vera, Valdirene, Vanda e Walter que acreditaram em mim e permitiram que eu estudasse.

RESUMO

“O anarquismo no movimento punk: cidade de São Paulo (1980-1990)”.

A presente dissertação partiu de minhas inquietações vivenciadas na década de 1980. Morando no Parque São Rafael, Zona Leste da cidade de São Paulo, pude presenciar, cotidianamente, a mobilização punk que emergia com força e vitalidade na cidade.

No entanto, o que mais me chamava atenção era o pequeno, mas crescente, engajamento do movimento punk com o anarquismo. Manifestado em suas práticas e experiências no processo de ocupação e vivências nos espaços e territórios da cidade.

O objeto de pesquisa desse trabalho é refletir, discutir e estudar o anarquismo no movimento punk, suas incursões políticas, sociais e culturais na metrópole paulistana. Para isto, utilizamos como fontes os próprios discursos dos remanescentes punks da época pesquisada, através de relatos, textos e artigos publicados nos fanzines (meio de comunicação dos punks), cartas trocadas entre os integrantes do movimento e entrevistas com punks do período abordado, onde analisamos as tensões e disputas dos punks enquanto memória de vidas e lutas. Procuramos dar voz e visibilidade aos sujeitos históricos que interagiram, vivenciaram, discutiram e refletiram sobre o anarquismo no movimento punk, na década de 1980.

O campo da memória foi abordado com a compreensão de que os punks são sujeitos sociais que interagem uns com os outros e com a sociedade como um todo. Compreendendo que essas interações estão permeadas de lutas, resistências e interferências na busca de referências identitárias nos espaços urbanos da cidade.

Esperamos ter contribuído para o debate, as discussões e reflexões sobre o anarquismo no movimento punk. Entretanto, esta dissertação não apresenta conclusões e sim sondagens de caminhos que interagem uns com os outros. Pois o ideal punk de uma sociedade anarquista, onde não haja nenhum tipo de dominação e exploração, ainda persiste na postura e atitude de vários grupos denominados anarco-punks que continuam seu protesto nas ruas e praças da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Anarquismo, Movimento Punk, Movimentos Juvenis.

ABSTRACT

“Anarchism in the punk movement: São Paulo city (1980-1990)”

The present work comes from my experiences and concerns with the decade of the 1980's. When living at Parque São Rafael, a district located on the east side of São Paulo city, I had the opportunity to witness the punk movement that grew in the city.

Nevertheless, what really called my attention was the little, but growing, commitment to the punk movement with anarchist ideas which were expressed by its practices and experiences.

The main aim of this research is to analyse, discuss and study the anarchism in the punk movement, taking into account its political, social and cultural characteristics in São Paulo city.

In order to analyse it, the study is based on documents, texts, interviews, letters, articles and fanzines published by punk members of the studied historical period.

We tried to give voice and visibility to historical individuals which actively integrated the punk movement and had relation to anarchist ideas in the decade of the 1980's.

We also bared in mind that the punks are social individuals living and interacting in society. It is known that those interactions are marked by struggles, resistance and interference in their search for indentity references in the city.

So our intention is to make a contribution to the debate and discussion about anarchism in the punk movement. This study does not include conclusions but discusses the ways and interactions in the punk movement related to anarchism as they aimed at an anarchist society.

That attitude is still alive in many groups called anarcho-punks which continue their protests in São Paulo.

Keywords: anarchism, punk movement, young movement.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas e siglas.....	08.
Introdução.....	09.
Biografia dos depoentes (História Oral).....	31.
I – Um Novo Grito de Rebeldia: Nasciam os Punks.....	33.
II – Praticas do Movimento Punk na Cidade de São Paulo.....	63.
III – Anarquia e Movimento Punk.....	90.
Fontes.....	129.
Acervos.....	131.
Referências Bibliográficas.....	132.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5 – Ato Institucional nº5.

AIT – Associação Internacional do Trabalho.

CCS – Centro de Cultura Social.

CCCS – Centre for Contemporary Cultural Studies.

CEDIC – Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”.

COB – Confederação Operária Brasileira.

CPC – Centro Popular de Cultura.

ETAL – E.E. Tarciso Álvares Sobo.

MPA – Movimento Punk Alternativo.

NCP – Núcleo de Consciência Punk.

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SESC – Serviço Social do Comércio.

UGT – União Geral dos Trabalhadores.

UNE – União Nacional dos Estudantes.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação parte de minhas inquietações vivenciadas na década de 1980. Morando no Parque São Rafael, região de São Mateus, periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo, pude presenciar, cotidianamente, as vivências e experiências do “movimento punk”¹ que emergia com força e vitalidade na cidade.

No Parque São Rafael da década de 1980, as opções de lazer, principalmente para os “jovens”,² eram poucas. Frequentávamos as quermesses na “Igreja São Marcos”³ nos períodos de festa junina, organizávamos festinhas na casa de amigos nos finais de semana, jogávamos futebol nos campinhos improvisados em terrenos baldios e na “escola”,⁴ muitas vezes íamos a festas na “Sociedade Amigos do

¹ Movimento juvenil, de contestação musical e comportamental, que surgiu na Inglaterra e Estados Unidos na década de 1970 e no Brasil na segunda metade de 1970. “[...] movimento ligado a uma faixa da juventude que continuou e continua rebelando-se contra a hipocrisia, a complacência, o conformismo, o tédio e contra um mundo baseado em pompa e privilégio, no qual o jovem tem pouca chance de manifestar-se e os jovens das classes mais baixas menos chance ainda. [...] Não importa que pareçam diferentes entre eles, os contestadores das ruas, os escapistas e os anarquistas, todos fazem parte de um movimento que deflagra uma rebelião adolescente. A primeira regra do punk é que não existem regras. Punk é quebrar regras e não criá-las. É não estar preocupado em usar a roupa certa ou dizer os clichês certos, mas pensar por si mesmo. Punk é liberdade de palavra e espaço para mover-se”. Por Gary Bushell, editor da revista – Punk’s Not Dead – 1981. In: BIVAR, Antonio. O que é punk. 4º edição. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1998. p. 84,85 e 86.

² Trabalhamos a idéia de jovem e juventude, analisando sua diversidade na cidade, enquanto categoria constituída historicamente.

³ Igreja São Marcos (católica) – Rua Prof. Ciro Formicola, nº 17. Parque São Rafael. Zona Leste – São Paulo.

⁴ E.E. “André Nunes Junior” – Rua Salvador de Paiva, 145. Parque São Rafael – Zona Leste de São Paulo.

Bairro”⁵ e no “Salão de Festas Pedro Sertanejo”.⁶ Nesses espaços de sociabilidade no bairro, comecei a perceber grupos juvenis com jaquetas pretas, coturnos ou tênis cano longo, cabelos curtos ou espetados, calças pretas, correntes e alfinetes pendurados nas roupas e pelo corpo, um visual surrado, rasgado e agressivo - eram os “punks”.⁷

Apesar de não ter sido punk, meu contato com eles era estabelecido através de amigos e vizinhos que aderiram ao movimento. No entanto, o que mais me chamava atenção era o pequeno, mas crescente, engajamento do movimento punk com o “anarquismo”.⁸ atestado, entre outras coisas, pelo uso em suas indumentárias da letra “A” dentro de um círculo, significando “anarquia”⁹ e pela negação das instituições (públicas ou privadas) que representam o poder.

⁵ Sociedade Amigos do Bairro Parque São Rafael – Rua Clemente Falcão, nº 17. Parque São Rafael – Zona Leste de São Paulo. No salão dessa entidade aconteciam vários eventos, tais como: festas de casamentos e de aniversários, cursos (artes marciais, tricô, crochê, etc) e shows punks.

⁶ Salão de festas Pedro Sertanejo – Rua Gruqueamas s/n. Parque São Rafael.

Único salão de baile do bairro, onde o forró varava noite adentro. De vez em quando, encontrávamos alguns punks no salão. Atualmente, nesse local funciona uma igreja evangélica.

⁷ Sobre a palavra punk, no Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI, temos a seguinte definição: Membro de movimento não-conformista surgido na Inglaterra ao final dos anos 1970 que adota diversos sinais exteriores de provocação, por completo desprezo aos valores estabelecidos pela sociedade.

⁸ “Do ponto de vista histórico, o anarquismo é a doutrina que propõe uma crítica à sociedade vigente; uma visão da sociedade ideal do futuro e os meios de passar de uma para a outra. [...] o anarquismo preocupa-se, basicamente, com o homem e sua relação com a sociedade. Seu objetivo final é sempre a transformação da sociedade; sua atitude no presente é sempre de condenação a essa sociedade, mesmo que essa condenação tenha origem numa visão individualista sobre a natureza do homem; seu método é sempre de revolta social, seja ela violenta ou não”. In: WOODCOCK, George. História das idéias e movimentos anarquistas – V. 9. 1: A idéia. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 7.

⁹ “Na linguagem popular, anarquia é sinônimo de caos. [...] *Anarchos*, a palavra grega original, significa apenas ‘sem governante’ e, assim, a palavra anarquia pode ser usada tanto para expressar a condição negativa de ausência de governo quanto à condição positiva de não haver governo por ser ele desnecessário à preservação da ordem”. In: WOODCOCK, 2002. p.8.

Tive, então, a oportunidade de conviver e interagir com práticas juvenis de contestação ao “sistema”,¹⁰ protestos expressos no visual, na música e no comportamento, a princípio “niilista”,¹¹ caracterizando um primeiro momento do movimento (1977-1985), no qual predominaram aqueles punks que queriam destruir tudo, acabar com tudo, e que diziam nada ter sentido na vida.

“Ser punk é ser contra tudo o que nos é imposto, ser rebelde, não dar valor nem à própria vida; é ser contra o sistema, o governo e um modo de vida fabricado. Punk é ser podre, é ser tóxico-humano, é ser contra tudo e todos. Punk não é aquele que se veste mal, e sim aquele que sabe por que se veste mal”.¹²

Nesse depoimento, a idéia punk de ser contra tudo o que é imposto pelo governo e pela sociedade vai se concretizando em uma prática que se expressa no modo de se vestir sujo, rasgado, denunciando a sujeira e as mazelas sociais. Ao adotar essa atitude, os punks assumem uma postura de extrapolação das

¹⁰ “Sistema é um conjunto de pensamentos, teses ou doutrinas, desenvolvidas articuladamente e formando uma unidade teórica”. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996. Quando os punks falam de combate ao sistema eles estão se referindo ao sistema capitalista e suas instituições políticas, econômicas, sociais e culturais.

¹¹ Niilismo, palavra que vem do francês *nihilisme* e que significa, segundo o Dicionário Eletrônico Aurélio – Século XXI: 1. Redução a nada; aniquilamento; 2. Descrença absoluta; 3. Filosofia: Doutrina segundo a qual nada existe de absoluto; 4. Ética: Doutrina segundo a qual não há verdade moral nem hierarquia de valores; 5. Política: Doutrina segundo a qual só será possível o progresso da sociedade após a destruição do que socialmente existe.

¹² Depoimento de Arnout, ex-punk do grupo Punkid’s – Pq. S. Rafael (Z/L – SP) – entre 1982 e 1983. Conforme documento (nº V – 76) – CEDIC – PUC/SP (Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”). Nos documentos, não encontramos mais informações sobre o depoente. No decorrer do trabalho, teremos várias fontes apresentando essa defasagem de informações, pois, a princípio, os punks não se preocupavam em preservar sua memória. Essa prática tem influência desse primeiro momento “niilista” do movimento.

convenções sociais, criando uma sensação de exterioridade em relação à sociedade na qual vivem.

Nesse primeiro momento, “nos anos iniciais dos punks brasileiros, um amplo setor do movimento entendia o anarquismo muito mais pelo seu sentido pejorativo de desordem, descontrole, bagunça, caos, etc...”.¹³ Os punks viviam um processo de dispersão, “no sentido de ser apolítico, não participante da política (mais a fim de música, do som, etc.)”.¹⁴

Após 1985, analisamos um segundo momento de estruturação do movimento punk ou “essa outra vertente que se pode chamar de anarquista”.¹⁵ Momento em que o movimento vai se articulando e se organizando de forma mais consistente, com participação em manifestações como o “boicote às multinacionais”,¹⁶ a chamada para o “vote nulo, faça de seu voto sua revolta”,¹⁷ e a união de punks e

¹³ Caderno nº 1 do CCS (Centro de Cultura Social) p. 3. Nesse caderno, na mesma página, encontramos informações constando “que o CCS não é um espaço de anarquistas, um aparelho, é uma casa de cultura, fundada em 1933 por trabalhadores de orientação “anarco-sindicalista” e que interrompeu suas atividades várias vezes devido a inúmeras ditaduras. Foi fundado por trabalhadores anarco-sindicalistas, porém desde então é um espaço livre, aberto a todos, desde que de acordo com seus estatutos”. Segundo Costa, o anarco-sindicalismo (do final do século XIX e início do XX) considera a greve geral (organizada pelos sindicatos dos trabalhadores) como o supremo instrumento estratégico revolucionário (COSTA, 1985).

¹⁴ Caderno nº 1 do CCS (Centro de Cultura social) p. 3.

¹⁵ Entrevista, Revista Kaprikórnio Vintetres – Morumbi – S.P. (1985), com Helen Rose Pedroso, cientista social e autora de um trabalho (ver bibliografia) sobre o movimento Punk, publicado pela UNICAMP.

¹⁶ Manifesto M.P.A. (Movimento Punk/Alternativo) nº 1, nov. 1989 (não temos a autoria deste documento). Doc. Disponível no CEDIC-PUC/SP.

¹⁷ Idem. Ibidem.

anarquistas contra o imperialismo, conforme matéria publicada no “Jornal do Brasil” em dezembro de 1987.¹⁸

Nesse processo de politização e organização do movimento, a montagem de bandas punks e a produção de eventos musicais e “fanzines”¹⁹ terão papéis preponderantes. Eram em eventos musicais, como o show “Começo do Fim do Mundo” (SESC Pompéia, 1982), onde punks de todas as regiões de São Paulo se reuniam, trocavam idéias, informações e experiências. Nesses eventos, circulavam os fanzines, panfletos e manifestos punks. Vejamos o que diz Antonio Bivar sobre a organização do evento citado:

“A esta altura de setembro os punks já estão preparando o primeiro festival do movimento: dois dias no fim de novembro. Sábado e domingo, no SESC da Pompéia. Mais de 20 bandas tocarão (15 minutos cada uma), o ingresso será franqueado a todos, punks e não-punks, haverá exposição de fotos, projeção de filmes e vídeos sobre eles, mostra dos desenhos de Meire Martins (uma punka), as bandas já estão providenciando camisetas com estampas dos grupos, e mais botões, discos, fanzines (A Punk Rock armará uma barraca) e um LP comemorativo, com uma faixa para cada banda. Nome do festival: ‘O Começo do Fim do Mundo’. Os organizadores esperam que, então, os punks mais aticados se comportem e que tudo corra bem”.²⁰

¹⁸ Jornal do Brasil – 1º caderno – Segunda-feira, 7/12/1987. Em matéria intitulada: “Anarquistas e ‘punks’ reúnem-se contra imperialismo em S. Paulo”.

¹⁹“Fanzine é a junção das palavras *fan* (de fã, em português) com *magazine* (revista, em inglês). Fanzine: uma revista do fã, feita pelo fã e para o fã”. In: BIVAR, 1982. p. 51. O fanzine era um dos meios de comunicação dos punks.

²⁰ BIVAR, 1982. p. 105.

O show foi realizado tal como menciona Antonio Bivar e o seu livro – O que é punk – também foi lançado nesse festival. Apesar de algumas brigas fora e dentro do SESC, o evento foi importante para os punks, pois conseguiu demonstrar para a opinião pública a força e mobilização do movimento na cidade.

Como define “Antonio Carlos”,²¹ que vivenciou o movimento punk na década de 1980, havia por um lado os punks cavernas, aqueles que estavam no movimento por “embalo”, modismo, confundindo o punk com vandalismo, violência e bagunça, e por outro lado os punks verdadeiros que compreendiam o movimento punk enquanto contestação e protesto político, econômico, social e cultural, levantando a bandeira do anarquismo e tentando compreendê-lo e praticá-lo.

Compreendemos a postura de Antonio Carlos, em separar punks cavernas e verdadeiros, como um processo de disputas internas no movimento e uma tentativa de manter a contestação e o protesto punk. No entanto, preferimos analisar o movimento punk com suas disputas e tensões internas sem o julgamento de verdadeiros ou falsos, numa perspectiva de compreender os sujeitos no seu fazer-se, nas suas experiências. Para nós, todo comportamento punk é contestador.

²¹ Entrevista (concedida ao autor em 20/07/2006) por Antonio Carlos de Oliveira, que estará disponibilizada no CEDIC – PUC/SP (Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”). Antonio Carlos é formado em História pela PUC/SP, ex-participante do movimento punk (editor de fanzine como o “Anti-Sistema”) e hoje se declara anarquista. É Prof. Coordenador na Rede Estadual de Ensino de São Paulo e nos forneceu

Como pudemos verificar no decorrer de nossa pesquisa, essa vertente punk, chamada de niilista ou punk caverna, e que preferimos chamar de um primeiro momento do movimento, predominou até por volta de 1985, período de intensa mobilização política e social no Brasil. Na segunda metade da década de 80, que chamaremos de um segundo momento do movimento, os punks, paulatinamente, vão se organizando política e culturalmente, através da música, da produção de fanzines (revista do fã, meio de comunicação dos punks) e da aproximação das idéias anarquistas.

No entanto, tanto no primeiro, como no segundo momento, havia uma diversidade de posturas e ações. “A turma pensava que era anarquia, que era fazer uma revolução, brigar com militar, passeata, mas não era só isso, o meu objetivo era pura e simplesmente musical”.²² Essa fala, de um integrante de uma banda, expressa a diversidade de atuações do movimento punk.

As análises e reflexões sobre as diversas fontes e bibliografia, permitem a compreensão do movimento histórico em que os punks, em seu primeiro momento, ainda no bojo da “ditadura militar”,²³ confundiam anarquia com bagunça e

um vasto material e reflexões sobre o movimento punk. Publicou, entre outros, o livro “Os fanzines contam uma história sobre os punks”. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2006.

²² Depoimento de Valson – banda punk “AI-5” – Documentário: “Botinada! A origem do punk no Brasil” (2006).

²³ Instaurada no Brasil em 1964 onde governos militares se sucederam no poder implementando um regime autoritário que perdurou até 1984.

modismo, e um segundo momento, pós “diretas já”,²⁴ onde vão tentando estruturar o movimento em torno dos ideais anarquistas, ocorrendo, dessa forma, transformações do movimento, influenciadas pelo contexto histórico, no decorrer do tempo. São vistos aqui enquanto movimento social de resistência ao “sistema”.²⁵ Indo contra as imposições do capitalismo, contestando a ordem estabelecida e propondo uma nova forma de organização social, o anarquismo.

O objetivo de pesquisa deste trabalho é refletir, discutir e estudar o anarquismo no movimento punk (Cidade de São Paulo, 1980 – 1990). Utilizaremos como fontes os próprios discursos dos remanescentes punks da época pesquisada, por meio de relatos, textos e artigos publicados nos fanzines (meio de comunicação dos punks), cartas trocadas entre os integrantes do movimento e entrevistas com punks do período abordado, onde analisaremos as tensões e disputas dos punks enquanto memória de vida e lutas. Pretendemos, então, dar voz e visibilidade aos sujeitos históricos que interagiram, interferiram, vivenciaram, discutiram e refletiram sobre o anarquismo no movimento punk na década de 1980.

Além da bibliografia, trabalhamos com 10 depoimentos do “CEDIC-PUC/SP”,²⁶ 15 depoimentos de jornais e revistas, 06 depoimentos de vídeo, 03

²⁴ Movimento de mobilização política no Brasil pelas eleições diretas para presidente em 1984.

²⁵ Segundo o “Dicionário Básico de Filosofia” (ver bibliografia), “sistema” é “um conjunto de pensamentos, teses ou doutrinas, desenvolvidas articuladamente e formando uma unidade teórica”. No caso do movimento punk eles combatem o sistema capitalista e suas instituições políticas, econômicas, sociais e culturais.

²⁶ CEDIC (Centro de Documentação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”) – PUC/SP.

entrevistas gravadas pelo autor, 12 relatos não gravados pelo autor, 04 cartas enviadas ao Núcleo de Consciência Punk (NCP), 05 manifestos punks e 05 fanzines punks.

Segundo Terry Eagleton, “aquilo que ocupa uma posição oblíqua à sociedade como um todo – o marginal, louco, desviante, perverso, transgressor é o mais fértil, politicamente”.²⁷ A transgressão da ordem, o ir contra o sistema, faz parte do caminho escolhido pelos punks para a realização do seu projeto político, o anarquismo. Ainda, segundo Eagleton, “há poucas outras tarefas mais honrosas para estudantes da cultura do que ajudar a criar um espaço no qual o descartado e ignorado possa encontrar uma língua, uma fala”.²⁸ É importante estudarmos o movimento punk enquanto contestador da ordem estabelecida, propondo um novo projeto político.

A “grande imprensa”,²⁹ enquanto guardiã da ordem, repudia os movimentos de contestação. Em algumas matérias da mídia escrita e televisiva, os punks eram associados a marginais e vândalos.

“Você também vai escrever que os punks assaltam velhinhas no metrô, bebem leite com limão e são a favor do nazismo e da bomba atômica? A pergunta de Calegari à repórter Miriam Macedo não tinha

²⁷ EAGLETON, Terry. Depois da teoria – um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005. p. 27.

²⁸ Idem. Ibidem. p. 28.

nada de ameaçador. Guitarrista da banda Punk rock Inocentes, cabelos curtos, vestes pretas, dezenove anos, desempregado...”.³⁰

Calegari, integrante da banda punk *Inocentes*, relata aqui o que considera a idéia que a grande imprensa vinha construindo sobre os punks. Ao fazer a pergunta à repórter, reafirma o que a maioria dos grandes jornais e revistas vinha publicando sobre eles. Segundo Nelson Werneck Sodré³¹, a grande imprensa brasileira executa a tarefa de “deformar a realidade, ou de escondê-la”.³²

Todos os meios de comunicação, os “meios de massa e a grande imprensa”,³³ são considerados, segundo o punk Hugo Von Drago, editor do fanzine *Lixo Reciclado*, como representantes de interesses que não são favoráveis aos punks, “a bronca que o punk tem com a grande imprensa é o fato de passar uma idéia errada [...]. Não procuram se informar, ou quando têm a informação põem de lado, falam o que querem, e estão a serviço de um sistema que não é muito simpático ao punk”.³⁴

²⁹ Nesse trabalho utilizaremos o termo “Grande Imprensa” como um jornal ou uma revista de grande circulação. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Mauad, 2007.

³⁰ Revista *Visão* – Caderno comportamento – 24 de janeiro de 1983.

³¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Mauad, 2007.

³² Idem. *Ibidem*. Preâmbulo.

³³ Nelson Werneck Sodré diz que os “meios de massa” são representados principalmente pela televisão que tem uma grande penetração, um grande alcance sobre a população. Enquanto que a “grande imprensa” é um meio de não uso habitual em parcela numerosa de nosso povo. Nossas abordagens, sobre meios de comunicação, irão ao encontro dessas análises de Sodré. In: SODRÉ, *História da imprensa no Brasil*. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Mauad, 2007.

³⁴ Entrevista concedida por Hugo Von Drago (punk, 21 anos, desempregado), ao fanzine: “Lixo Cultural”-Edição especial do fanzine “Lixo Reciclado”, junho de 1983. Material disponível no CEDIC-PUC/SP.

A grande imprensa é um espaço “privilegiado de formulação, articulação e expressão dos modos de pensar das elites paulistanas”,³⁵ apresentando uma discussão superficial sobre o movimento punk, omitindo sua diversidade. A imprensa, no seu fazer-se, “constitui um campo de disputa extremamente dinâmico de diferentes projetos sociais”.³⁶ E o movimento punk não condizia com o projeto hegemônico de sociedade que a grande imprensa defendia.

Os fanzines, escritos e distribuídos pelos próprios punks, utilizando um de seus lemas, o “do it yourself” (faça você mesmo), é uma das formas que os punks tinham para divulgar suas idéias, contrariando e desmascarando a falsa imagem que a chamada grande imprensa e os meios de massa faziam deles. Tais fanzines eram datilografados, escritos à mão ou eram recortadas e coladas matérias de outros fanzines, jornais ou revistas. Tudo era confeccionado de forma criativa e artesanal, geralmente em folhas de papel sulfite. Quando prontos, eram copiados clandestinamente nas máquinas copadoras das empresas onde os punks trabalhavam, ou os exemplares eram vendidos a preço de custo para cobrir as despesas.

Nosso trabalho com história oral tem como base teórica os estudos de Alessandro Portelli, autor que, no artigo “O momento da minha vida: funções do

³⁵ CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial-SP, 2000. p 165.

tempo na história oral”,³⁷ reconhece as dificuldades do historiador em manter a conformidade ou encaixar em um padrão de discurso histórico as narrativas orais, sem perder suas formas e sentidos. Para Portelli, devemos reconhecer esses fatos e trabalhar com eles “no nível de nossa escrita, na qual as palavras dos narradores são apropriadas no texto do historiador e se tornam parte do nosso discurso”.³⁸ Ainda para o autor, “o problema não pode ser encarado em termos de pureza – de salvar a ‘autenticidade’ das fontes da ‘infecção’ trazida pelo contato com o historiador”.³⁹

Portelli defende que:

“Essa fusão de discursos e estilos de narrativa não é conseguida simplesmente pela citação das fontes. É, antes disso, uma questão de modificar nosso procedimento narrativo, nosso próprio modo de administrar o tempo e o ponto de vista. Que nossa história seja autêntica, lógica, confiável e documentada como deveria ser um livro de história. Mas que contenha também a história dialógica da sua formação e a experiência daqueles que a fazem. Que demonstre como os próprios historiadores crescem, mudam e tropeçam através da pesquisa e no encontro com os sujeitos. Falar sobre o ‘outro’ como sujeito está longe de ser suficiente, se não nos enxergarmos entre outros e se não colocarmos o tempo em nós mesmos e nós mesmos no tempo”.⁴⁰

³⁶ Idem. Ibidem. p.165.

³⁷ PORTELLI, Alessandro. O momento de minha vida: funções do tempo na história oral. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de; FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara aun; MACIEL, Laura Antunes (Orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2005, p. 313.

³⁸ Idem. Ibidem.

³⁹ Idem. ibidem. p. 4.

⁴⁰ Idem. Ibidem.

Realizamos três entrevistas, espontâneas e abertas, no trabalho com história oral. A primeira foi realizada em 20/07/2006 com Antonio Carlos de Oliveira, morador da Zona Leste de São Paulo, no Bairro Parque São Rafael. Antonio Carlos mora no referido bairro desde seu envolvimento com o movimento punk na década de 1980. Era editor de fanzine e, durante o início desta pesquisa, em janeiro de 2005, tomamos conhecimento de sua atuação no movimento, por parte de ex-punks e de amigos pesquisadores, sobre seu o arquivo punk. A partir daí, tentamos localizá-lo.

No segundo semestre de 2005, analisando o acervo sobre o movimento punk no “CEDIC/PUC/SP”,⁴¹ encontramos vários documentos em que apareciam menções sobre Antonio Carlos. Em um desses documentos, conseguimos localizar seu endereço. Fiquei surpreso ao perceber que o conhecia, pois morávamos no mesmo bairro na década de 80. Descobri também que a documentação a qual estava pesquisando tinha sido doada por ele para o CEDIC. Com os dados em mãos, entrei em contato e marcamos a entrevista.

Durante o seu depoimento, relembramos, em mais de duas horas de diálogo, um pouco de nossas experiências no cotidiano do bairro, da história do movimento punk e do anarquismo. Depois dessa conversa, registrada e transcrita, tivemos

⁴¹ CEDIC/PUC-SP – Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”. Localizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984 (sala SB 02). Perdizes – São Paulo.

outras não gravadas e trocas de informações complementares sobre o movimento por e-mail.

A segunda entrevista foi concedida pelo punk Orlando Saltini no dia 19/08/2006. Conheci o Orlando quando fui ao CCS (Centro de Cultura Social) que, na época, localizava-se na Rua Inácio de Araújo, 191 (sobreloja), próximo à estação Bresser do metrô (Zona Leste de São Paulo). O CCS estava fechado. Então, me dirigi até o bar ao lado para pedir informações, foi quando vi Orlando Saltini com uma camiseta preta da banda punk *Ramones*. Perguntei se ainda curtia o movimento punk. Ele respondeu que sim e, assim, estabelecemos contato para uma possível entrevista.

Entrevistei o Orlando Saltini em janeiro de 2005, em uma calçada da rua ao lado do bar onde nos encontramos, mas não foi possível transcrever a gravação devido a problemas no áudio. Desse modo, estabelecemos contato por telefone e agendamos uma nova entrevista.

Em uma segunda oportunidade, o depoimento ficou mais espontâneo, o gravador não causou constrangimento, e as informações cedidas pelo depoente foram de fundamental importância para a realização da pesquisa.

A terceira entrevista foi realizada no dia 16/01/2007 com Fábio, dono da loja denominada Punk Rock, localizada na Galeria 24 de maio, na região central de São

Paulo. A loja era referência para os punks na década de 1980 e ainda continua sendo até hoje. É local de encontros e compras de produtos punks desde de CDs, DVDs, até fanzines e camisetas com nomes de bandas punks.

Fábio nos concedeu entrevista em sua loja. Seu depoimento começou um pouco tímido, talvez pelo motivo de não nos conhecermos, mas deixamos o gravador discretamente gravando e a conversa foi fluindo, sendo, às vezes, interrompida por clientes.

Os critérios de escolha dos depoentes tiveram relação com o fato dos mesmos terem participado do movimento punk na década de 1980 e, também, pela disponibilidade de tempo para realização das entrevistas. Estabeleci contato com muitos punks e ex-punks, mas não foi possível conciliar horário e locais para a coleta dos depoimentos.

No decorrer da pesquisa, tentei preservar a estrutura da oralidade das entrevistas considerando legítima a norma não culta da expressão oral. Utilizo também informações de conversas informais - não gravadas, e algumas questões da minha própria vivência e experiência com o movimento punk.

O campo da memória aqui será abordado de forma a dar visibilidade aos punks enquanto sujeitos sociais que interagem uns com os outros e com a sociedade como um todo. Compreendemos que essas interações estão permeadas de lutas,

resistências e interferências. Suas narrativas serão confrontadas com outras fontes: revistas, jornais, cartas e fanzines.

Com relação às outras fontes, é importante citar que, no início da pesquisa (fevereiro de 2005), tivemos muita dificuldade em garimpá-las, pois era difícil localizar fanzines e cartas. E uma parcela considerável da grande imprensa que, em matérias de jornais e revistas, defendia interesses da sociedade hegemônica, geralmente retratava os punks como marginais, violentos, desordeiros, imundos e vagabundos, como poderemos constatar no decorrer do trabalho.

Chegamos a pensar em trabalhar apenas com os relatos orais dos remanescentes punks. Mas, em novembro de 2005, tivemos contato com uma vasta documentação sobre o movimento punk no CEDIC/PUC-SP. Documentação esta, organizada, catalogada e doada ao CEDIC por “Antonio Carlos de Oliveira”.⁴²

Desde então, nossos esforços se concentraram em vasculhar as mais de quarenta caixas contendo milhares de documentos tais como: fanzines, informativos, manifestos, cartas e matérias produzidas pela imprensa. Nosso processo de seleção do material foi pautado em critérios que possibilitassem reflexões e análises sobre o anarquismo no movimento punk na década de 1980.

As possibilidades de pesquisa no acervo de documentos sobre o movimento punk no CEDIC foram de fundamental importância para a realização desta

pesquisa. Tais possibilidades apontavam também alguns limites, como nos diz Antonio Carlos de Oliveira, organizador do arquivo punk:

“O mérito por ajuntar esse material não é meu, é de muitas pessoas, [...] de muitos punks em todo o Brasil e alguns do exterior com quem mantive intensa correspondência. Foram todos esses punks com quem me correspondi durante muito tempo e troquei muito material que forneceram a maior parte do material do arquivo. Infelizmente joguei fora caixas cheias de correspondências, do Brasil e do exterior, principalmente por desconhecer a sua importância. [...] Muitas reportagens ou mesmo alguns fanzines estão sem algum item importante para sua identificação. Ocorria na maioria das vezes quando ia recortar o artigo de um jornal ou revista, simplesmente recortava o que queria, negligenciando a identificação, por isso em alguns documentos faltam datas, locais de origem e às vezes até título”.⁴³

Por esses motivos, alguns documentos utilizados na dissertação apresentam dificuldades de identificação, seja por falta de títulos, de datas e locais de origem e até por ausência de autoria. Apesar das dificuldades e algumas defasagens de ordem técnica, Antonio Carlos contribuiu e está contribuindo para a preservação da memória punk em São Paulo.

Estamos analisando aqui um movimento histórico em que os sujeitos sociais, no caso os punks, com suas semelhanças e diferenças, articulam práticas sociais que geram tensões, mudanças e transformações, que por sua vez, constituem outros

⁴² Antonio Carlos de Oliveira é graduado em História pela PUC/SP e nos concedeu entrevista (dia 20/07/2006).

⁴³ Documento de Antonio Carlos de Oliveira referente à Relação do Material do Arquivo Punk. CEDIC/PUC-SP.

sujeitos sociais. Nossas fontes são a expressão desses sujeitos em suas relações e articulações com o presente, o passado e o futuro.

As buscas de compreensão das práticas sociais de diferentes sujeitos nos remetem à incorporação de novas fontes. A cultura é concebida como uma forma de luta e modos de vida prática dos vários agentes sociais. Nesse sentido, busca-se realizar uma história sócio-cultural, das tensões, distensões, práticas, ações, reações, construções sociais e culturais do movimento punk na Cidade de São Paulo (1980 – 1990) e suas relações com o anarquismo. Interessa-nos, portanto, as análises e reflexões sobre os punks que se consideravam anarquistas.

Ressaltamos a contribuição de Stuart Hall para os estudos culturais onde, em 1964, participou da fundação do “Centre for Contemporary Cultural Studies” (CCCS). “Foi no período sob a direção de Stuart Hall, de 1968 a 1979, que se consolidaram os Estudos Culturais a partir de uma preocupação política e do projeto de colocar em bases teóricas mais sólidas as leituras de ‘textos’ da cultura, que incluíam”, entre outras temáticas, “as subculturas” (contraculturas)⁴⁴ “juvenis britânicas (leia-se teds, mods, skinheads, rastas) às vésperas do movimento punk”.⁴⁵

⁴⁴ Quando falamos em contracultura estamos nos referindo “a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica.” In: PEREIRA, Carlos Messeder. O que é contracultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

⁴⁵ HALL, Stuart. Da diáspora – identidades e mediações culturais. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 11.

A produção cultural dos punks na década de 1980 em São Paulo emerge dos testemunhos escritos (fanzines, cartas, letras musicais) e testemunhos orais impressos nas entrevistas. Os punks estabeleciam territórios e formas de sociabilidade em espaços públicos da cidade, resignificando seus usos, experienciando “relações de solidariedade e práticas de resistências: ao transformar os espaços, as pessoas transformavam-se pelo estabelecimento de novos códigos de existência social e de comportamento, isto é, novas formas de vida”.⁴⁶

Era dessa maneira que os punks se reuniam na “Galeria 24 de Maio” (Rua 24 de Maio, nº 36) e no “Metrô São Bento”, ambos no centro da Cidade de São Paulo. Reuniam-se também em diversos outros lugares da “periferia da cidade”,⁴⁷ principalmente em salões das “associações de moradores” como na Sociedade amigos do Bairro Parque São Rafael na Zona Leste, no Salão Construção (Sociedade Amigos do Bairro Vila Masei) Zona Oeste e no Salão denominado Templo (Associação de Surdos e Mudos) na Vila Carolina, Freguesia do Ó, Zona Norte e em “escolas públicas” como a ETAL (E.E. Tarciso Álvares Sobo) também na Vila Carolina.

⁴⁶ AZEVEDO, Amailton Magno. No ritmo do rap: cotidiano e sociabilidade negra – São Paulo (1980-1997). Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2000.

⁴⁷ Refletimos e analisamos a Cidade de São Paulo como um todo, um lugar da pluralidade e da diferença, rompendo com a idéia de dicotomia (cidade/periferia). Compreendendo essa dicotomia enquanto divisão política e cultural onde os bairros mais distantes do centro da cidade (periferia) apresentam defasagens e carências de infra-estrutura material urbana. Nesse sentido, a cidade será compreendida como lugar onde as transformações ocorrem, como fruto de relações sociais que se estabelecem entre os mais variados segmentos sociais, fazendo emergir as múltiplas contradições que se encontram presentes no urbano.

Nesses espaços públicos, eram realizados e organizados eventos musicais, reuniões e encontros ocasionais, proporcionando a troca de idéias, experiências e socialização de materiais, tais como panfletos de outros eventos punks na cidade, fanzines e manifestos. Dessa forma, eram estabelecidas redes de comunicação e estratégias práticas de resistência e mobilização do movimento punk na cidade.

A delimitação espaço/tempo tem relação com a explosão punk que toma conta de São Paulo por volta de 1977, e que teve seu auge e efervescência na década de 1980. Como diz Bivar, “por ser a maior cidade do país, [...] é nela que se tem acesso a um número maior de informações e”, por ter uma vida urbana mais acentuada, iremos ter as condições adequadas para a eclosão de “um movimento de rebeldia jovem urbana, como é o caso do punk”.⁴⁸

“Destrua o sistema, antes que ele o destrua. Liberdade – criatividade – anarquia – isto me lembra a ‘juventude’ em luta para a conquista de um país sem Estado, no qual as pessoas se auto-governam, e essa juventude rebelde que luta para obter esse objetivo, que a maioria da população não apóia, são os: PUNKS”.⁴⁹

As palavras desta carta expressam o engajamento de jovens, que se autodenominavam rebeldes, com as idéias de anarquia e com uma proposta de

⁴⁸ BIVAR, Antonio. O que é punk. 1º ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

autogestão. Expressam também o estabelecimento de relações entre diferentes sujeitos nas diferentes regiões da Cidade de São Paulo, ou seja, Creonice, moradora do Butantã, na Zona Oeste, remeteu a carta para o “Núcleo de Consciência Punk”- espaço de discussões e difusão do movimento punk - na região do Itaim Paulista, Zona Leste. Analisar e discutir as relações estabelecidas entre os punks das diversas regiões da cidade e o seu engajamento com as idéias anarquistas faz parte de minhas preocupações com a delimitação espacial da pesquisa.

No primeiro capítulo, intitulado: “Um novo grito de rebeldia: nasciam os punks” – iremos refletir sobre a idéia de diversidade juvenil no decorrer da história, principalmente no século XX, tentando sempre elucidar a condição dos movimentos de contracultura, até a eclosão do movimento punk e seus ideais anarquistas, no final da década de 1970 na cidade de São Paulo.

“Práticas do Movimento Punk na Cidade de São Paulo” é o título do segundo capítulo. Nele, refletiremos sobre onde e como o movimento surgiu, quais seus protagonistas, culminando com as vivências, experiências e práticas sociais e anarquistas dos punks na cidade e suas relações com outros sujeitos e a sociedade.

Seguindo nossa dissertação, no terceiro capítulo – “Anarquia e Movimento Punk”, discutiremos e aprofundaremos a temática do anarquismo no movimento

⁴⁹ Carta de Creonice, moradora do bairro de São Domingos – Butantã/SP, para o “Núcleo de Consciência Punk” (liderado pelo punk Gurgel): uma organização que discutia e disseminava os ideais do movimento punk localizada

punk, utilizando principalmente os conteúdos dos fanzines produzidos pelos punks, os depoimentos orais e as cartas que eles trocavam uns com os outros.

As fontes, então, são trabalhadas como expressão da ação de sujeitos, numa rede de acontecimentos e relações permeadas de valores e tensões. Indagaremos então sobre as condições históricas de produção das fontes.

A partir da sondagem das fontes, acervos e bibliografia proposta, acreditamos ser possível realizar as ponderações a seguir, que incluem, também, nossas problematizações específicas. Entretanto, o que segue não são conclusões e sim sondagens de caminhos que interagem uns com os outros.

BIOGRAFIA DOS DEPOENTES

(HISTÓRIA ORAL)

Antonio Carlos de Oliveira: É formado em História pela PUC-SP, ex-participante do movimento punk, onde era editor dos fanzines “Anti-Sistema” e “Aborto Imediato para o Renascer de um Novo Espermatozóide”. Desde a década de 1980, quando atuou no movimento punk, mora no Parque São Rafael – São Mateus, Zona Leste da Cidade de São Paulo. Atualmente, declara-se anarquista e é Professor Coordenador na Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Foi organizador e doador do arquivo sobre o movimento punk para o CEDIC/PUC-SP, e nos forneceu um vasto material e reflexões sobre os punks e o anarquismo. Publicou, entre outros, o livro - “Os fanzines contam uma história sobre os punks”. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2006.

Orlando Saltini: Atualmente é bancário, morador do bairro Bresser na Zona Leste da Cidade de São Paulo. Considera-se punk desde 1977. Quando nos concedeu entrevista em 19/08/2006, tinha 47 anos de idade e faz questão de dizer que é punk até hoje.

Fábio R. Sampaio: Atualmente é dono de uma das lojas de produtos punks mais importantes para o movimento punk em São Paulo, localizada na rua 24 de maio na região central da cidade. Organizou vários eventos punks e é integrante da banda punk “Olho Seco”.

I – UM NOVO GRITO DE REBELDIA: NASCIAM OS PUNKS

“Nós estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira: para pintar de negro a asa branca. Atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer.”

(Manifesto de Clemente, integrante da banda punk Inocentes)⁵⁰

Abordaremos as noções de juventude com o entendimento de que são constituídas e construídas historicamente, e que variam de cultura para cultura.⁵¹ Falar em juventude implica considerar que não há uma homogeneidade capaz de dar conta do social como um todo e que ela expressa uma pluralidade de expressões e de experiências sociais.

Paulo Sérgio do Carmo destaca que “as reflexões sobre o jovem e suas manifestações específicas intensificaram-se na década de 50 do século XX. Tal destaque deve-se à sua relativa autonomia com relação aos pais, ao alongamento do

⁵⁰ Revista Planeta – nº 128 – Maio de 1983.

⁵¹ ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1984.

período escolar e ao adiamento da entrada para a vida adulta e o mundo do emprego”.⁵²

Porém, quando falamos da autonomia em relação aos pais, do alongamento do período escolar e adiamento da entrada no mundo do emprego, estamos nos referindo a uma juventude privilegiada, cujas condições econômicas assim o permitiam. A maioria dos jovens punks da cidade de São Paulo, no período abordado, lutava para sobreviver, tendo muitas vezes que encurtar a permanência nos bancos escolares em função do trabalho. “[...] historicamente, trabalho, para esses jovens, significava exploração, inutilidade, subserviência”.⁵³ Vejamos o que disse “Falcão”⁵⁴ em palestra sobre o movimento punk proferida em dezembro de 1987:

“Teve uma época que era melhor ficar desempregado do que ganhar 3 ou 4 mil cruzados, trabalhando 8 horas por dia, para não ter compensação nenhuma, preferia ficar desempregado. [...] Outro problema é que muitos punks abandonam a escola muito cedo, com 10 ou 12 anos tem que trabalhar, o pai e a mãe não conseguem dar uma alimentação adequada ou comprar caderno, então ele para de estudar”.⁵⁵

⁵² CARMO, Paulo Sérgio do. *Cultura da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Senac, 2001.

⁵³ LEITE, Ligia Costa. *A razão dos invencíveis: meninos de rua – o rompimento da ordem (1554-1994)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPUB, 1998. p.51.

⁵⁴ Marcos Falcão era estudante de história na USP (década de 80) e integrante da banda punk “Excomungados”.

⁵⁵ Palestra proferida (em 05/12/1987) no CCS (Centro de Cultura Social), uma casa de cultura, de orientação anarco-sindicalista, fundada em 1933 por trabalhadores, e que, teve que interromper suas atividades no decorrer das inúmeras ditaduras que assolaram o Brasil. O CCS foi refundado em Abril de 1985, sendo um espaço de discussões libertárias. Essa palestra foi organizada por punks e militantes da CCS.

Apesar do palestrante não citar a época em que esses jovens brasileiros ficavam na condição de sair da “escola”⁵⁶ por causa das dificuldades econômicas, tendo muitas vezes que se submeter a empregos degradantes e mal remunerados para ajudarem na economia doméstica, ou melhor, para não passar fome, podemos supor que Falcão está se referindo aos jovens pobres moradores das periferias da cidade de São Paulo (Zonas Norte, Sul, Leste e Oeste) na década de 1980, pois esse é o período por ele abordado na palestra. Outra questão, levantada por Marcos Falcão, é o fato de muitos jovens preferirem o desemprego a ganhar salários miseráveis. Nesses casos, o jovem ficava sem emprego e sem escola. Muitos desses jovens aderiram ao movimento punk.

“Não sou nem eu que to te dizendo não, se você for ler nos fanzines, na literatura, é essa a resposta, n/é?! ‘O que te atraiu no movimento punk?’ Aí assim, quando a gente fala de exclusão, a exclusão diz respeito à uma forma de vestir, a essa coisa do dançar, aos espaços que você frequenta, ao tipo de pessoa que você é, ao tipo de família que você tem, a maioria dos punks com quem eu convivi tinha um alcoólatra em casa, o número de famílias desestruturadas ou em vias de se desestruturar era muito grande, então, não é a família bonitinha, tranqüila, legalzinha, não era , n/é meu? [...] Mas acho que pra nós a coisa pegava mais ainda por essa questão tanto do alcoolismo, da violência, da exclusão, de não conseguir se enquadrar naquele esquema que tava ali, tanto é que antes do movimento punk eu gostava de samba e gostava de soul, não

⁵⁶ Em 1980, a população brasileira em idade escolar (de 7 a 14 anos) era de 22 968 515, da qual 7 540 451 não freqüentavam escola (cerca de um terço). Na área rural este índice de exclusão aumenta para metade (4 816 806 em um total de 9 229 511). (Dados do Censo de 1980, FIBGE).

gostava de discoteca, porque eu me identificava mais com a coisa do negro do que com, pô, chega ali e ficar rebolando no salão, naquela coisa assim muito, não tinha muito a ver comigo...”.⁵⁷

O depoente Antonio Carlos atribui a atração dos jovens para o movimento punk a fatores múltiplos: problemas familiares, alcoolismo dos pais, violência, falta de espaços e opções de lazer e desilusões com as perspectivas de futuro, sem possibilidades de estudos e sem trabalho digno. Ele fala de um lugar, que define como o lugar de exclusão, referindo-se ao bairro Parque São Rafael, local onde mora, caracterizado pela exclusão social, cultural e econômica.

Vejamos como foi o ingresso do punk “Orlando Saltini”⁵⁸ no movimento:

“Algumas pessoas começaram por influência de outros jovens, da turma deles. No meu caso e, da maioria das pessoas que conheço, que estão na minha faixa de idade, 47 anos, que completo agora em novembro, foi um pouco diferente... Então é assim, eu vim de uma família problemática, brigas quase todos os dias e tive muitos problemas de saúde quando era pequeno, curtia muito rock, ‘Black Sabbath’, ‘Led Zeppelin’, ‘Uriah Heep’, ‘Rolling Stones’, ‘Kiss’, curtia tudo isso, mas, em paralelo, sempre gostei de coisas estranhas e sempre me senti um alienado nesse mundo idiota, ou seja, sempre gostei de ‘Stooges’, ‘MC5’ e outra bandas que não me recordo o nome”.⁵⁹

⁵⁷ Entrevista concedida ao autor, por Antonio Carlos, em julho de 2006. Doc. disponibilizado no CEDIC-PUC/SP.

⁵⁸ Orlando Saltini nos concedeu entrevista em 19/08/2006. Atualmente é bancário e curte o movimento punk desde a década de 70.

⁵⁹ Entrevista concedida ao autor, por Orlando Saltini, em agosto de 2006. Em todas as entrevistas tentei preservar a estrutura da oralidade. Considero legítima a norma não culta. Doc. Disponibilizado no CEDIC/PUC-SP.

A influência de outros jovens, denotando certa identificação com o grupo, juntamente com problemas familiares e desilusão com a falta de perspectivas em relação ao mundo em que vivem foram fatores preponderantes para o ingresso dos jovens no movimento punk.

Podemos dizer que o termo juventude se aplica a diferentes grupos, frutos da própria divisão e exclusão social, tornando-se inadequado traçar tipologias. A ideia de grupo ou “grupismo”, segundo Michel Maffesoli, “tem o mérito de sublinhar a força desse processo de identificação, que possibilita o devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos”.⁶⁰ A juventude punk, para o mesmo autor, é fruto do aprofundamento das diferenças de classe, da repressão no âmbito político, cultural e social. O que era comum aos jovens punks estava relacionado à sua própria condição de exclusão social, a falta de perspectivas de futuro e a negação das formas de dominação política, econômica e social vigentes.

Uma jovem punk, chamada Creonice, enviou uma carta ao “Núcleo de Consciência Punk”,⁶¹ defendendo que o punk “destrua o sistema antes que ele o destrua”, e segue dizendo que é essa juventude punk que está “em luta para a

⁶⁰ MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: O declínio do individualismo na Sociedade de massas. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

⁶¹ O Núcleo de Consciência Punk era um espaço de discussões e difusão do movimento punk. Localizado na Rua Nicanor Nogueira, nº 252 – Jd. Das Oliveiras – Itaim Paulista – SP. Punks de todo o Brasil trocavam cartas e informações com o núcleo.

conquista de um país sem Estado, no qual as pessoas se auto-governam”.⁶² A perspectiva do movimento punk para ela é que os jovens excluídos lutem em defesa de uma nova sociedade, nos ideais anarquistas, sem governo e sem Estado.

Philippe Ariès, em sua obra – “História Social da Criança e da Família”⁶³ – reflete sobre a história da juventude burguesa europeia durante a Idade Média e Moderna, onde, segundo ele, “as idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante a imagem popular, o estudo era uma ocupação dos velhos”.⁶⁴ Não existiam, então, espaços definidos, recortados, separando a família e o convívio em sociedade. Os jovens se preparavam para o mundo adulto, relacionando-se e trocando experiências com outras pessoas de seu convívio social.

Ainda segundo Ariès, no espaço intermediário entre família e sociedade, a escola terá papel preponderante. O advento e ascensão da burguesia e do mundo industrial, principalmente com o aprofundamento das diferenciações entre classes sociais e a inauguração da escola primária e posteriormente secundária, permitirá ao jovem um espaço de socialização de idéias e vivências com outros jovens, longe da vigilância e dos cuidados da família, mas sob o olhar disciplinador dos mestres.

⁶² Carta de Creonice (década de 80), moradora do bairro de São Domingos – Butantã/SP, para o Núcleo de Consciência Punk. Documento disponível no CEDIC/PUC-SP.

⁶³ ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1984.

⁶⁴ Idem, ibidem. p. 40.

A escola, então, aparece como esse espaço privilegiado, vigiado e controlado de intermediação entre a família e a vida social adulta. O ideal de família e sociedade estará na contra-mão das perspectivas dos jovens punks paulistanos, pois muitos estavam fora da escola e faziam parte de famílias desestruturadas.

A partir do século XVIII, a chamada família nuclear burguesa, composta por pai, mãe e filhos contribuirá para a criação de dois mundos antes inexistentes: de um lado os adultos, utilizando-se de métodos autoritários e repressivos para educar, havendo restrições, interdições, exclusões e castigos no universo dos jovens e, de outro, a juventude vista como incapaz, ineficiente, necessitando de correção e orientação. Essa nova família vem em oposição à família anterior, mais ampliada, com um convívio educacional mais comunitário, envolvendo parentes, vizinhos e outros jovens, possibilitando uma situação de autonomia do jovem e da criança no mundo adulto, estabelecendo-se limites físicos e não político.

De acordo com Ariès, foi entre meados do século XVII e o início do XX que moralistas, educadores e políticos começaram a se preocupar seriamente com o que pensava a juventude. Preocupação motivada pelo desenvolvimento do capitalismo industrial, havendo a necessidade de adaptar a juventude ao mundo do trabalho, controlando suas mentes e comportamentos para que pudessem servir ao sistema imposto pelas elites capitalistas emergentes.

Para o mesmo autor, após a Primeira Guerra Mundial:

“A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. Havia-se experimentado um sentimento semelhante no período romântico, mas sem uma referência tão precisa a uma classe de idade. Sobretudo, esse sentimento romântico se limitava à literatura e àqueles que a liam. Ao contrário, a consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda”.⁶⁵

Eisenstadt, em seu estudo - “De geração em geração” – traça uma explicação teórica e funcionalista sobre as condições de existência da juventude como categoria social. Explicita um quadro dos tipos de sociedade em que esses fenômenos ocorrem, havendo uma delimitação de faixas etárias, etapas do ciclo vital (crescimento e envelhecimento) onde cada sociedade define tais etapas, podendo não haver grupos homogeneamente etários. Eisenstadt aponta também critérios universalistas, diferentes daqueles que regem o âmbito familiar, em que a passagem do universo infantil (família de orientação) para o adulto (família de procriação) necessita de um outro grupo de socialização. Os grupos etários

⁶⁵ ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1984. P. 46 e 47.

interagem com a família, com outros grupos institucionalizados e com sua estrutura interna, e suas funções variam de sociedade para sociedade.⁶⁶

Nas sociedades modernas, a segmentação dos espaços, a elaboração de identidades e as relações solidárias para a transição etária aparecem como função atribuída à escola, atrasando o amadurecimento e aprofundando a segregação do mundo adulto. Este fenômeno, porém, não é universalizado, varia de sociedade para sociedade, pois de um lado temos grupos etários, populações que, em função de uma condição sócio-econômica, se dedicam exclusivamente aos estudos, enquanto que outros grupos sociais acabam por entrar na vida adulta muito cedo, tendo que trabalhar para contribuir no orçamento e sobrevivência do grupo familiar.

O mundo industrial, o acesso à escola, o crescimento das metrópoles, a desorganização social e o desenvolvimento tecnológico do século XX possibilitaram que o jovem se elevasse à “categoria social de juventude”,⁶⁷ ocupando praças, bares, salões, organizando-se em movimentos como os Beat, termo que significava não só beatitude, mas também a batida do jazz, o improvisado, manifestando também a saturação frente a sociedade do pós-guerra dos Estados

⁶⁶ EISENSTADT, S. N. De geração em geração. Tradução de Sérgio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1968.

⁶⁷ MORIN, Edgard. Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo. Vol.I Neurose.2º Ed. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

Unidos. Foi um movimento juvenil de literatura e poesia que também influenciou o nome da banda de rock “The Beatles”, uma fusão das palavras beat e beetles (besouro). Ao rejeitarem os valores burgueses, a juventude beat dos Estados Unidos reinventava “um jeito diferente de viver o mito do vagabundo”,⁶⁸ buscando viver emoções fortes através da literatura, do jazz, das estradas e caronas, das drogas, sexo e festas. A imprensa norte-americana, na tentativa de descaracterizar o movimento beat, cunhou o termo “beatnik, fusão de beat mais nik, terminação da palavra Sputnik”,⁶⁹ o primeiro satélite russo lançado no espaço em 1957, fazendo alusão à provável simpatia desses jovens americanos por ideais revolucionários de esquerda.

Segundo “Carmo”,⁷⁰ esse movimento recluso nos bares e estradas nos anos 50 irá influenciar as manifestações de contracultura dos anos 60, como os grandes festivais de música, as mobilizações contra a guerra no Vietnã e o pacifismo antinuclear. E então, “quando a crise juvenil se combina com a crise social, a juventude emerge como uma categoria social, produzindo uma revolta que questiona a ordem”.⁷¹

⁶⁸ CARMO, 2001.

⁶⁹ Idem. Ibidem.

⁷⁰ Idem. Ibidem..

⁷¹ FORACCHI, Marialice Mencarini. A juventude na sociedade moderna. São Paulo. Pioneira/Edusp, 1972.

Nos Estados Unidos (anos 20 e 30), período entre guerras, temos um dos primeiros e importantes trabalhos sociológicos conduzidos pela chamada Escola de Chicago, pesquisando grupos de jovens delinquentes ou ligados à criminalidade nos subúrbios dos Estados Unidos. A questão da delinqüência, por um lado, e da revolta, por outro, será a chave das problematizações da juventude ao longo de todo o século XX, com possibilidades de descontinuidade e ruptura das regras sociais.

Enquanto o movimento beat era protagonizado por jovens americanos de classe média, na Inglaterra dos anos 50 podemos citar os Teddy Boys, onde jovens pobres, através do rock e por meio de suas roupas, debochavam e criticavam a aristocracia inglesa. Foi também nos anos 50 que o rock'n'roll, união de duas gírias: rock (sacudir) e roll (rolar), irá se espalhar pelo mundo, expressando o descontentamento e a revolta juvenil.

Na década de 50, a classe média brasileira, juntamente com sua juventude, vai transformando, aos poucos, através de seus hábitos e costumes, o cenário urbano brasileiro: aparecem cadillacs, lambretas, jaquetas de couro e topete nos cabelos, imitando o roqueiro Elvis Presley. Isso foi possível devido ao crescente contingente urbano que se desenvolvia no nosso país e também ao desenvolvimento dos meios de comunicação (rádio, jornais e televisão), possibilitando a circulação de novos hábitos e valores.

Essas transformações não são parte inerente da sociedade, mas são produzidas historicamente. A adoção de novos padrões de consumo e comportamento expressava os interesses da expansão capitalista daqueles anos. No caso dos veículos – cadillac, lambreta – tem relação com a indústria automobilística que se instalava no país.

Sobre a influencia do rock no comportamento do jovem brasileiro, vejamos o depoimento do cantor e compositor Raul Seixas:

“O que me pegou foi tudo, não só a música. Foi todo o comportamento rock. Eu era o próprio rock, o teddy boy da esquina, eu e minha turma. Porque antes a garotada não era garotada, seguia o padrão do adulto, aquela imitação do homenzinho, sem identidade”.⁷²

O rock despertou Raul Seixas para a sua condição de jovem, diferente dos adultos. Sobre a expressão que se refere ao jovem como “imitação do homenzinho” vale comentar, refletir e citar alguns trechos de Ariès onde, discutindo os trajes de crianças e jovens medievais na Europa, ele diz que “nada, no traje medieval, separava a criança do adulto”. Agora, comentando o traje de um garoto de dez anos (século XVIII) Ariès diz que “já se veste como um homenzinho [...] na aparência, pertence ao mundo dos adultos” e, ainda no século XVIII, o autor comenta que as

⁷² RAUL SEIXAS, Raul Seixas por ele mesmo (São Paulo: Martin Claret, 1990), p. 14.

crianças das famílias nobres ou burguesas não eram mais vestidas como adultos, elas tinham trajes reservados para sua idade, porém, “as crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos [...] continuaram a usar o mesmo traje dos adultos”.⁷³

Vestir a criança de forma diferente do adulto significou que os adultos estavam construindo o lugar da criança na sociedade, e a roupa, juntamente com outros elementos, fazia parte desse processo. A partir da concepção de criança que estava sendo proposta, é que os educadores e os pais criavam roupas adequadas à nova situação da criança e do jovem. Isso ocorre a partir do século XVIII. Nesse sentido, para Ariès, vestir a criança diferente tinha relação com repressão e restrição.

O traje e a indumentária usada pelos punks, ou seja, o seu visual, é trabalhado em nossa pesquisa como um fator de diferenciação, expressão de sentimentos e de pertença, sendo expressões importantes na construção de referências identitárias e protesto social. Os punks usavam “bottons, jaquetas de couro com arrebites, coturno, calça rasgada, camiseta de pano também rasgada, cabelo todo colorido”,⁷⁴ espetado ou em forma de moicano. Quando não tinham gel para espetar o cabelo, utilizavam sabão de pedra. “E as mulheres pintando o olho

⁷³ ARIÈS, 1984. op. cit., p.70 e 81.

⁷⁴ Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006.

assim, formando aquelas coisas saindo do olho aqui, umas figuras saindo do olho entendeu? Aquelas meias de odalisca, [...] isso tudo para chocar o povo”.⁷⁵ Muitos, porém, adotaram esse modo de se vestir “como uma maneira de vida, eu não creio que o cara queria fazer isso pra chocar os outros, eu acho que as pessoas se sentiam e ainda se sentem bem assim”.⁷⁶ No entanto, se “você pegar toda a literatura que existe, todos os depoimentos que existam, é pra chocar”,⁷⁷ demonstrar, através da indumentária, “das nossas roupas, das nossas palavras, do nosso som, [...] o quanto doente estava a sociedade”.⁷⁸ As referências identitárias se constroem também na participação, nas experiências do social e do político, na formulação e criação de suas realidades, seus símbolos, na constituição do punk enquanto movimento que se constrói nas práticas cotidianas.⁷⁹

O processo de desenvolvimento das comunicações permitirá a troca de informações entre os acontecimentos e movimentos juvenis dos principais centros mundiais. Os jovens que tinham acesso às informações veiculadas pelo rádio, jornais e, posteriormente, pela televisão, serão vistos pelas indústrias do entretenimento, da moda e automobilística como um grande potencial de consumo

⁷⁵ Idem. Ibidem.

⁷⁶ Idem ibidem.

⁷⁷ Entrevista concedida ao autor por Antonio Carlos em 20/07/2006.

⁷⁸ Depoimento de Ariel da banda punk “Restos de Nada” – Vídeo documentário – “Botinadas: a origem do punk no Brasil” – de Gastão Moreira, 2006.

⁷⁹ VELHO, G. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

de mercadorias. A grande imprensa será veículo de imposição de modas e comportamentos no processo de desenvolvimento consumista capitalista.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a desilusão com a grande quantidade de jovens mortos nas batalhas, parcela da juventude dos países capitalistas ocidentais, intensifica as mobilizações contra as decisões políticas e militares que são tomadas nos bastidores do poder institucional e que interferem nos processos sociais e culturais. Esses jovens expressam novos desejos, anseios e esperanças por meio da produção de sua própria cultura ou a chamada “contracultura”.⁸⁰

“Em meados dos anos 50, percebe-se a emergência de uma cultura jovem, dentro e fora dos Estados Unidos, ligada ao lazer e ao tempo livre; esta pode ser vista como expressão da expansão capitalista”,⁸¹ onde os meios de comunicação têm um papel preponderante na difusão e conquista de novos mercados

⁸⁰ “O termo ‘contracultura’ foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente.

Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial”. Por Luís Carlos Maciel. Revista Careta, ano LIII, Nº 2736 de 20/07/1981, p.19. in: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O que é Contracultura. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983.

⁸¹PEDERIVA, Ana Bárbara Aparecida. Jovem Guarda: Cronistas sentimentais da juventude. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000. p. 17.

consumidores. “Essa cultura jovem abarcou padrões de comportamento, produzindo conflitos com normas e instituições”.⁸²

A compreensão do significado de ser jovem para os punks, no entanto, não se configura como um embate contra os mais velhos e os adultos, mas contra o que esses adultos significavam, como se comportavam, se vestiam e se relacionavam, manifestando autoritariamente que caminhos deveriam seguir.

Marcos Falcão, integrante da banda punk “Excomungados” na década de 1980, diz que:

“Sobre a idade, não há limite, tem punk com 14 anos, como tem com 30 ou 32, é uma questão da pessoa ter dentro de si essa revolta e estar identificado com a causa que gira em torno da música e do comportamento. Quanto a esses que dizem ‘já fui punk e depois parei de ser’, posso dizer que não estive imbuído no movimento; punk não é como jogador de futebol que joga durante 15 anos e para, punk não é isso, (...). Antes de 77, punk era prostituta, trombadinhas, cheirador de cola, mendigos, aleijados; a partir de 77, esse pessoal que estava sendo marginalizado e querendo mudar a situação se uniu em torno desse movimento que se espalhou pelo mundo. (...) Um punk de 27 anos e outro de 14 conversam a mesma coisa sobre o imperialismo, desemprego, miséria, fome, violência, guerra, a garotada vai trocando essas idéias e levando isso pra frente”.⁸³

Nesse depoimento, aparece claramente a idéia de mudança norteando a prática cultural dos jovens punks, pois eles estavam sofrendo um processo de exclusão social, conversavam sobre diversos assuntos de ordem econômica, política

⁸² Idem. Ibidem. p. 17.

e social – imperialismo, desemprego, miséria, fome, violência, guerra - e, através de suas próprias práticas, iam “trocando essas idéias e levando isso pra frente”, isto é, a idéia de mudança da sociedade. Nesse sentido, o ser punk se configura como um movimento de contracultura, na medida em que adota como prática a análise e a crítica da cultura dominante de inspiração capitalista, que produzia a exclusão social.

O ser jovem para o punk não é uma questão etária, é uma atitude de protesto, de práticas sociais próprias e de repúdio contra as instituições políticas, os governos e um modo de vida fabricado e excludente. A causa que propiciava a união e a identificação de jovens na cidade paulistana era a idéia de transformação da sociedade na perspectiva da superação das desigualdades sociais e culturais.

Sobre essa temática da contracultura juvenil vejamos o que diz Terry Eagleton:

“...por volta de 1965 a 1980[...]é que a teoria cultural apareceu no único período, desde a Segunda Guerra Mundial, no qual a extrema esquerda política desfrutou breve proeminência, antes de afundar até quase desaparecer de vista. As novas idéias culturais tinham suas raízes profundamente fincadas na era dos direitos civis e das rebeliões estudantis, das frentes de libertação nacional, das campanhas antiguerra e antinuclear, do surgimento do movimento das mulheres e do apogeu da liberação cultural. Foi uma época na qual a sociedade de consumo estava sendo lançada com fanfarras; na qual a mídia, a cultura popular, as

⁸³ Marcos Falcão, em palestra no “Centro de Cultura Social” (CCS) em 05/12/1987.

subculturas (contraculturas) e o culto da juventude surgiram pela primeira vez como forças sociais a serem levadas em conta”.⁸⁴

A categoria juventude constituída historicamente no bojo das transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas entre os anos de 1965 a 1980, firma-se como uma força social que se opunha aos valores da sociedade de consumo. No entanto, para ser punk, “não há limite, são jovens de 14 a 38 anos, é uma questão da pessoa ter dentro de si essa revolta e estar identificado com a causa”,⁸⁵ que é a transformação da sociedade com a superação das desigualdades econômicas, sociais, políticas e culturais. Concebendo a cultura enquanto espaço onde a luta de classes se expressa.

As desilusões com a política institucionalizada e autoritária, a “guerra fria”,⁸⁶ a morte de “Che Guevara”,⁸⁷ a “guerra do Vietnã”⁸⁸ e, no Brasil, a ditadura militar (pós 1964) contribuirá para que grande parte da juventude dos centros urbanos capitalistas, se organize em movimentos juvenis. Na década de 1960, em quase todo o mundo capitalista, temos a eclosão dos movimentos estudantis, que se

⁸⁴ EAGLETON, 2005. Op. cit., p. 44.

⁸⁵ Fala de “Falcão” (Banda Excomungados). Transcrição de palestra proferida em dez. de 1987 no Centro de Cultura Social (CCS-organização anarquista).

⁸⁶ A guerra fria foi caracterizada, após a segunda guerra mundial, pela disputa entre o bloco socialista representado pela Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e, por outro lado, o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos da América, pela hegemonia política, econômica, social, cultural e ideológica em relação aos outros países.

⁸⁷ Ernesto Che Guevara foi um dos líderes da revolução cubana de 1959. Che Guevara será exemplo de luta para jovens revolucionários, principalmente após a sua morte (1967) em batalha no território boliviano.

destacaram contestando a política, a sociedade, o sistema escolar e universitário, colocando em questão a cultura em seus aspectos sexuais, morais, estéticos e de costumes.

“Na França e na Itália a agitação estudantil ajudou [...] os maiores protestos [...] da classe trabalhadora do período pós-guerra”.⁸⁹ Os jovens militantes do movimento estudantil francês “não faziam questão de se integrar de imediato na vida adulta e profissional. Antes, representavam a contestação radical ao princípio de seleção competitiva e de hierarquia do poder. Contestavam uma educação voltada para a formação de quadros a ser ajustado à máquina social e empresarial”.⁹⁰

Em 1968, “o Brasil tinha pouco mais de 270 mil universitários, correspondente a apenas 0,3% da população”,⁹¹ jovens oriundos da classe média urbana. Boa parte desses universitários envolvidos com o movimento estudantil “tornaram-se porta-vozes do descontentamento contra a ditadura militar”.⁹² No entanto, “com a decretação do AI-5, o regime brasileiro intensificou a repressão e os estudantes foram varridos das ruas. Fechadas todas as vias de participação

⁸⁸ Guerra travada pelos Estados Unidos da América e o Vietnã no bojo da guerra fria. Apesar de ter se libertado do domínio colonial francês, o Vietnã era um país dividido entre Vietnã do Norte (comunista) e Vietnã do Sul (capitalista). Os EUA enviam suas tropas para o Vietnã em 1965 e a guerra prossegue até 1973.

⁸⁹ EAGLETON, 2005. Op. cit., p. 46

⁹⁰ CARMO, 2002.

⁹¹ Idem. Ibidem.

⁹² Idem. Ibidem.

política, muitos aderiram às organizações de guerrilha e viveram na clandestinidade”.⁹³

No Brasil da década de 60, temos também uma intensa mobilização cultural contra a influência estrangeira, principalmente na música brasileira. Os estudantes se mobilizam através do “Centro Popular de Cultura (CPC)”⁹⁴ da União Nacional dos Estudantes (UNE); o objetivo desse grupo era conscientizar os trabalhadores, por meio da música, do teatro, do cinema e da literatura, sobre a necessidade da consciência revolucionária. As atuações do CPC foram prejudicadas pela ditadura militar instaurada no Brasil em 1964, pois a partir daí, a UNE começa a atuar na clandestinidade, havendo uma forte repressão aos movimentos estudantis.

Já na segunda metade da década de 60, o “Movimento Tropicalista”⁹⁵ utilizava guitarras em suas músicas, tendo a intenção de romper com as divisões simples da época entre arte engajada versus arte alienada ou cultura nacional versus internacional. Sobre essas discussões, vejamos a opinião de José Ramos Tinhorão, membro da velha guarda comunista e pesquisador da música brasileira:

⁹³ Idem. Ibidem.

⁹⁴ Criado em 1961, no Rio de Janeiro, o CPC era ligado à UNE, buscavam definir estratégias para a construção de uma cultura nacional, popular e democrática. Defendiam a opção pela arte revolucionária, definida como instrumento a serviço da revolução social. Encenavam peças em portas de fábricas, favelas e sindicatos; publicavam cadernos de poesias vendidos a preços populares e iniciavam a realização pioneira de filmes autofinanciados. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

⁹⁵ O Tropicalismo foi um movimento de “renovação da canção popular” (1967/68) propondo uma “revisão do nacionalismo e da idealização populista da ‘pureza’ popular, em favor da idéia de uma cultura brasileira ‘moderna’, capaz de elaborar criticamente a diversidade das informações – inclusive as de origem internacional – atualizadas pela nova dinâmica da dependência.” In: HOLLANDA, 1982. p. 52.

“Os jovens realmente cultos gostavam de bossa nova, jazz e tal. Aí o Caetano entra, correndo por fora, e atrai esses jovens para a guitarra. Portanto, ele estava dentro do conceito econômico dos militares de 64 [...] proposta desnacionalizante da economia [...] eu cito o papel hediondo do Roberto Carlos [...] é aquele rapazinho que todas as mães de famílias militares gostariam que fosse o namorado da filha. Por quê? Enquanto havia outros rapazes revoltados, que andavam fazendo músicas pregando a revolução social, indo explodir bombas e seqüestrar embaixadores, ele, com aquele cabelo tão bonito, cantava coisas de consumo”.⁹⁶

Nessa entrevista, concedida à Folha de São Paulo, Tinhorão cita Geraldo Vandré como o autor da “única música de protesto no Brasil”, pois sua música “Pra não dizer que não falei das flores” foi proibida e “música de protesto que passa na censura não é música de protesto”,⁹⁷ segundo sua opinião.

Em outra perspectiva, ao discutir o tropicalismo, Heloisa Buarque de Holanda coloca este movimento como um catalisador das inquietações e impasses da situação pós-64, culminando com um movimento de renovação da canção popular, sendo que, praticamente a totalidade da produção dita ‘revolucionária’ que se engendrou no Brasil nesse período vincula-se à emergência da classe média.

“Sei que a arte que eu faço agora não pode pertencer verdadeiramente ao povo. Sei também que a arte não salva nada nem ninguém, mas que é uma de nossas faces”, diria em 1966, Caetano Veloso. Uma concepção

⁹⁶ Entrevista a Pedro Alexandre Sanches, Folha de São Paulo, Ilustrada, 14 de fevereiro de 1998, p.4.

⁹⁷ Idem, Ibidem. p. 4.

bastante diversa daquelas que na fase Goulart povoavam manifestos e discussões, quando se pretendia estar elaborando um projeto cultural capaz de decidir um processo de transformação da estrutura social. Essa distância que os tropicalistas irão experimentar em relação ao projeto revolucionário pré-64 estará implicada com a revisão do nacionalismo e da idealização populista da ‘pureza’ popular, em favor da idéia de uma cultura brasileira ‘moderna’, capaz de elaborar criticamente a diversidade das informações – inclusive as de origem internacional – atualizadas pela nova dinâmica da dependência”.⁹⁸

Diferentemente de Tinhorão, Heloisa Buarque de Holanda concebe os movimentos culturais juvenis da década de 60, inclusive o movimento hippie, como conseqüências da diversidade de conflitos e contradições presentes na sociedade moderna, “soprava um vento libertário, um desejo de responsabilidade existencial contra um sistema de vida fechado e controlado por elites, onde o destino surgia como imposição exterior”.⁹⁹ Após 1968, “as sugestões da revolução individual que estiveram presentes no tropicalismo, encontram um solo fértil. A descrença em relação às alternativas do sistema e à política das esquerdas dá lugar ao florescimento, em áreas da juventude, de uma postura contracultural”.¹⁰⁰

Salientamos que o movimento punk concebe a música enquanto um instrumento de divulgação de suas idéias, de resistência e luta contra o sistema, representado pelas instituições políticas, econômicas, sociais e culturais do capitalismo que imprimem desigualdades e exclusão social, ou seja, o Estado, suas

⁹⁸ HOLANDA, Heloisa Buarque. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p.52.

instituições e as representações de poder impostas pelas elites paulistanas. “O pessoal costuma dizer que enquanto tiver uma banda punk tocando em garagem, vai existir o movimento punk, pois este grupo[...]não foi assimilado, está ali discutindo, contestando, não quer fazer parte desse jogo podre”, diz Antonio Carlos, referindo-se a uma das práticas de contestação punk, em palestra proferida no CCS sobre o movimento¹⁰¹. “As letras das músicas falam do ‘sistema que quer acabar com a gente’; de situações cotidianas: ‘Se alguém me encontrar por aí a vadiar e vier me assaltar, não vai ter o que roubar’; de política: ‘Dou meu grito a favor dos guerrilheiros de El Salvador’”.¹⁰² As bandas punks, além de serem núcleos organizadores de eventos musicais que permitiam o encontro, a troca de idéias e experiência entre os punks, também eram disseminadoras dos ideais do movimento.

Ainda refletindo sobre os movimentos juvenis do Brasil na década de 60, vejamos a opinião de Renato Russo (1960-1996), integrante da extinta banda de rock “*Legião Urbana*”, que se destacou no cenário musical principalmente na década de 80. Renato Russo também iniciou sua carreira musical com uma banda punk chamada “*Aborto Elétrico*”:

⁹⁹ Idem. Ibidem. P. 70.

¹⁰⁰ Idem. Ibidem. P. 95.

¹⁰¹ Palestra proferida em 1987 no Centro de Cultura Social (CCS).

¹⁰² Revista Visão – caderno comportamento – 24/01/1983.

“Se você prestar bastante atenção no discurso punk, você percebe que eles falavam a mesma coisa que o pessoal dos 60. [...] Isso eu sei por que o Legião Urbana usou o mesmo discurso punk no início. Uma coisa totalmente niilista, destrutiva e anarquista, mas que no fundo estava falando que queria paz e harmonia no mundo. Aconteceu que, na nossa cabeça, as pessoas dos 60 tinham falado disso da maneira mais claro possível, através de flores e de amor. Não deu certo, então vamos falar de outra maneira, mais dura”.¹⁰³

Para Renato Russo, o movimento hippie e o movimento punk possuem afinidades discursivas, no sentido de rompimento com as formas de exploração e injustiças sociais do mundo capitalista. No entanto, suas ações e práticas diferenciavam-se. Enquanto os hippies pregavam a paz e o amor, os punks defendiam a destruição do sistema capitalista e a implantação dos ideais anarquistas. “Os hippies pecaram por isso, eram violentados e respondiam paz e amor”.¹⁰⁴ Segundo o punk Carlos, o movimento hippie se desdobrou em um movimento musical, “negando a sociedade, porém, não objetivando transformá-la de fato”¹⁰⁵, enquanto que “o punk é o único movimento de contracultura que pregou a necessidade da destruição da sociedade capitalista e a criação de uma nova ordem social em seu lugar”.¹⁰⁶ A dificuldade do movimento punk em colocar em prática esse novo modelo de sociedade com alicerces no anarquismo será o

¹⁰³ Renato Russo, Conversações com Renato Russo (Campo Grande: Revista Letra Livre, 1996), p.78.

¹⁰⁴ Entrevista cedida por Hugo Von Drago ao fanzine “Lixo Cultural” (em junho de 1983).

gerador de conflitos, contradições e tensões no decorrer da história do movimento, pois havia várias tendências no interior do punk, aqueles que gostavam somente da música, outros da indumentária e do comportamento, e a ala que lutava para manter o viés contestador e anárquico, objetivando transformações reais na sociedade.

“Paulo Sergio do Carmo”¹⁰⁷ sugere que o punk é a ressaca hippie, quer dizer, uma forma mais agressiva, rude e escrachada de dizer não à sociedade vigente, dirigida e governada por uma Ditadura Militar desde o golpe de 1964 até as eleições indiretas de 1985.

Segundo Rafael Lopes de Sousa:

“Em meados dos anos 70 o jovem subitamente se vê órfão de idéias e perde poder de ação. Seus ídolos, os que não morreram de overdose, estavam enclausurados em castelos na Suíça, e não cantavam mais a sua realidade cotidiana; quando tudo parecia estar acabado, ecoou na Inglaterra um novo grito de rebeldia: nascia os punks. Os punks são, pois, filhos da desilusão expressa por John Lennon (O sonho acabou) no fim dos anos 60 e da falta de perspectiva que a juventude vivia em meados dos anos 70.

A nova luz de análise sobre o fenômeno juvenil brasileiro aparece em início dos anos 80, quando os pesquisadores preocupados com o crescente contingente de excluídos sociais, percebem nestes uma proposta inteiramente inédita de enfrentar as adversidades da vida cotidiana [...] o início dos anos 80

¹⁰⁵ Carta remetida de Carlos (São Mateus) para o Núcleo de Consciência Punk, dezembro de 87. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ CARMO, Paulo Sérgio do. Cultura da Rebeldia: a juventude em questão. São Paulo: Senac, 2001.

transformam-se, assim, no marco da mudança de fulcro nas análises sobre o comportamento social da juventude brasileira”.¹⁰⁸

Esta posição de Rafael Lopes de Souza sugere uma reflexão sobre a importância dos estudos culturais no tocante à valorização das temáticas juvenis, compreendendo-as enquanto manifestações políticas e sociais, reconhecendo o jovem como uma categoria social que vivencia e constrói suas experiências historicamente em contato com o todo social.

Ainda analisando a citação de “Sousa”, ele se refere de forma vaga, “à nova luz de análise sobre o fenômeno juvenil brasileiro” na década de 1980, fala sobre a preocupação dos “pesquisadores” com “o crescente contingente de excluídos”. Mais uma vez, os estudos culturais, no caso da história, têm papel preponderante nas análises dos movimentos juvenis, pois como diz Terry Eagleton: “os estudos culturais fizeram um trabalho vital, ao resgatar o que a cultura ortodoxa empurrou para as margens”.¹⁰⁹

Na década de 1970, na Inglaterra, os jovens pobres, filhos de operários ingleses dos arredores de Londres estavam revoltados por ficarem “de fora da participação econômica do país, sem opção, já que o rock se transformou numa

¹⁰⁸ SOUSA, Rafael Lopes de. Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

¹⁰⁹ EAGLETON, 2005. p. 28.

coisa [...] multinacional e milionária”,¹¹⁰ grandes bandas e astros do rock começam a surgir. Paralelamente, “no interior dos subúrbios da Inglaterra”,¹¹¹ surgiram “bandas que repetem o que faziam os primeiros roqueiros da década de 60, [...] a moçada conseguia uma guitarra, um baixo, duas cordas em cada era suficiente, uma bateria e um microfone, cada um começa a fazer sua forma de tocar o instrumento, daí surgindo um som super agressivo”.¹¹² Era a prática “Do it Yourself” (faça você mesmo), você pode montar sua banda, fazer o seu som, compor suas letras e suas próprias músicas.

“Essa garotada, filhos de operários, para quem não tem emprego, começa a ser mal vista [...] começa a provocar uma reação por parte da burguesia que vai utilizar justamente a palavra punk para designá-los como os imprestáveis que invadem a cidade, os quebrados, os vagabundos [...] filhos dos carvoeiros, que estão enfeando Londres”.¹¹³ Repetindo ainda a citação anterior de Rafael Lopes de Sousa: “ecoou na Inglaterra um novo grito de rebeldia: nasciam os punks”.

Os grupos punks chamavam atenção pela agressividade real e simbólica do seu comportamento: “o punk é violento no visual, porque é um movimento de contestação, e contesta até visualmente, [...] um bando de caras de preto pode

¹¹⁰ Palestra proferida por Marcos Falcão (Banda Excomungados) no Centro de Cultura Social (CCS) em 1987.

¹¹¹ Idem. Ibidem.

¹¹² Idem. Ibidem.

¹¹³ Idem. Ibidem.

chocar o policial, então ele já entra dando porrada, quem começou não foi o punk que estava na dele”.¹¹⁴ “Usamos aquele visual sujo e agressivo pra mostrar o quanto à fome e a miséria é violenta”.¹¹⁵ A violência era produzida e reproduzida pela exclusão social. O visual, a indumentária dos punks era uma forma de protesto contra as injustiças sociais e motivo de agressões por parte da polícia.

Os punks também chamavam atenção pela negatividade de suas representações do presente e do futuro:

“Olho pra um lado só vejo miséria, mendigos, moleques te trombando, outros correndo da polícia. Olho pro outro lado vejo pião ganhando merda de salário, favelas, vida-merda, políticos roubando. Olho pra traz só vejo milhões de coitados mortos pela fome, pela polícia, pelo sistema. Olho pra frente e dô de cara com o futuro do Brasil: + miséria, + fome, + desemprego, + ladrões de paletó em Brasília, + povo otário. Vâmo cair na real! Vâmo nos juntar e mostrar pra esses políticos filhos-da-puta o caminho do cemitério. Revolução anarquista! A única capaz de destruir esses parasitas do poder, a única capaz de libertar nossas mentes dessa alienação miserável. Mostremos pra eles que somos pobres mais não otários. Acorda proletário! Foda-se capitalismo! O anarquismo é o futuro!”.¹¹⁶

Para os editores do Movimento Punk/Alternativo (MPA), sistema é o conjunto de instituições políticas, militares, sociais, econômicas e culturais do capitalismo burguês, juntamente com suas regras e normas. Segundo o MPA, as

¹¹⁴ Entrevista concedida por Antônio Carlos para o autor em 20/07/2006.

¹¹⁵ Manifesto M.P.A. (Movimento Punk/Alternativo). Nº 1. Nov. 1989. Sem autoria.

¹¹⁶ Idem. Ibidem. (Tanto neste documento, como em outros pesquisados procurei manter a escrita grafada).

representações do presente, do passado e do futuro são pessimistas e negativas, pois são produzidas e reproduzidas pelo sistema capitalista. Acreditam que todas as instituições são ruins e que o povo é vítima delas. Defendem que a única saída seria a união dos proletários para a destruição do capitalismo e a consolidação da revolução anarquista.

As questões colocadas neste manifesto são imagens, expressões da vivência e experiência de punks no ano de 1989. As temáticas políticas e sociais emergem em forma de protesto e apontam o anarquismo enquanto arma para a luta libertária.

A repressão imposta pela “ditadura militar” sobre os movimentos sociais, políticos, estudantis e culturais pós 1964, caracterizados por um contexto histórico marcado por anos de perseguições a qualquer tipo de expressão crítica ou organizações que questionassem a sociedade vigente, serão fatores preponderantes para a revolta e o protesto punk. “A gente vivia numa ditadura pura, a gente não podia se agrupar em 3 ou 4 pessoas que a gente era parado pela polícia”¹¹⁷ e mesmo assim, “em plena ditadura militar nós rompemos com tudo, rompemos com uma estética visual, rompemos com uma estética musical, rompemos com uma estética comportamental”.¹¹⁸

¹¹⁷ Depoimento de Tina (Punk SP) – Vídeo documentário – “Botinadas: a origem do punk no Brasil” – De Gastão Moreira, 2006.

¹¹⁸ Depoimento de Zorro da banda punk M 19 – Vídeo documentário – “Botinadas: a origem do punk no Brasil” – De Gastão Moreira, 2006.

Interessa-nos, portanto, discutir, refletir e aprofundar os estudos sobre o anarquismo no movimento punk, devido o seu caráter de protesto e contestação, analisando seu papel enquanto agente propositor de transformações, como sujeitos históricos capazes de introduzir mudanças reais na sociedade. Compreendendo que o movimento punk não é homogêneo e não apresenta uma única direção, sendo forjado por diferentes sujeitos em luta, daremos ênfase ao estudo sobre os punks que se identificam com as idéias anarquistas.

II – PRÁTICAS DO MOVIMENTO PUNK NA CIDADE DE SÃO PAULO

“Se punk é o lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda do punk em todo o mundo.”

(Chico Buarque de Holanda)¹¹⁹

Segundo Craig O’Hara, “a data e o local de nascimento do movimento punk são discutíveis. Ou a cena de Nova York do final dos anos 60/início dos 70 ou os punks ingleses de 1975-76 podem receber as honras”.¹²⁰ Para o propósito de nossa pesquisa, “nenhum deles merece uma longa investigação, pois a política específica e a formação genuína do movimento só se deram no final dos anos 70”.¹²¹ Para O’Hara, “em geral, pensa-se que foram os nova-iorquinos que inventaram o estilo

¹¹⁹ Chico Buarque de Holanda, cantor e compositor da Música Popular Brasileira (MPB) – Video documentário “Botinadas – a origem do punk no Brasil” – de Gastão Moreira, 2006.

¹²⁰ O’HARA, Craig. A filosofia punk: mais do que barulho; tradução – Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

¹²¹ Idem. Ibidem.

musical, enquanto os ingleses popularizaram a atitude política e o visual colorido”.¹²²

Neste momento, priorizaremos a história do movimento punk na Inglaterra, década de 1970, pois apresenta um viés político e contestador acentuado. Nesse período, a Grã-Bretanha atravessava fortes impactos sociais e políticos, resultantes dos abalos econômicos que experimentava. A mesma base social de jovens – marginais, desajustados, anárquicos, filhos de operários pobres – do (antes) austero reino britânico iria protagonizar o movimento punk.

Em 1971, foi lançado o filme “Laranja Mecânica” de Stanley Kubrick, retratando o cotidiano de gangues cruéis e violentas numa Inglaterra do futuro. Este filme se tornaria o favorito dos punks. Em 1975, também na Inglaterra, foi fundada aquela que é considerada uma das primeiras bandas punks, os “Sex Pistols”, com um som cru, anárquico e agressivo, opondo-se aos sonhos de paz e amor dos “Beatles” nos anos 60. Essa situação de rebeldia e falta de perspectivas do início dos anos 80, redundou no movimento punk, de caráter libertário, contestador, anárquico e internacionalista. No fim dos anos 70, o movimento se espalha pelo mundo, incluindo o Brasil.¹²³

¹²²Idem. Ibidem.

¹²³SALEM, Helena. As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo; coordenação Emir Sader. São Paulo: Atual, 1995.

Paulo Sérgio do Carmo aponta 1977 como o ano de explosão do punk, onde “com sua fúria e desencanto, jovens ingleses lançaram seu grito de revolta e de inconformismo na crítica à sociedade estagnada. Viviam num país em recessão e vieram fazer coro à raiva, ao tédio e à frustração da falta de perspectivas”.¹²⁴ Segundo Carmo, “punk é uma palavra da língua inglesa que significa madeira podre, mas também pode designar algo sem valor ou pessoas desqualificadas. Punk: inepto, podre, sujo e insano”.¹²⁵ Punk também era o termo que os policiais da TV, como “Cojak”,¹²⁶ usavam para chamar os bandidos insignificantes, ou os professores para ralar com os alunos considerados imprestáveis. Tudo que o senso comum considerava errado era punk. Ainda na língua inglesa, a palavra remonta a Shakespeare, com o significado igualmente negativo: prostituta.

Por volta de 1977, as informações sobre o movimento punk chegam ao Brasil vindas da Inglaterra, principalmente por meios de comunicação alheios ao movimento e destinados ao grande público. Em sua maioria, as matérias eram publicadas nos cadernos culturais dos jornais e em revistas especializadas do ramo cultural e musical. A “Revista Pop”,¹²⁷ ainda em 1977, publicou uma matéria

¹²⁴ CARMO, 2001.

¹²⁵ Idem. Ibidem.

¹²⁶ Personagem representando um policial, estereotipado como símbolo do bem (mocinho), no seriado “Cojak” dos EUA, 1970/80.

¹²⁷ A “Revista Pop” era lançada pela editora “Abril” e tinha circulação nacional, sendo encontrada com facilidade principalmente nas bancas de jornais. Era destinada ao público jovem trazendo variedades, dicas de moda e comportamento. Foi através dessa revista que vários jovens estabeleceram os primeiros contatos com o punk rock no Brasil.

intitulada: “A Revista Pop apresenta o punk rock”. A revista, além de informações sobre o movimento punk no exterior, trazia também um encarte com músicas punks: o punk rock. Através dessas informações iniciais, o movimento é reelaborado, reinterpretado de acordo com as particularidades e singularidades do contexto brasileiro. Considerando essas questões, trabalharemos as referências estrangeiras enquanto releituras.

Para Mao, integrante da banda punk “*Garotos Podres*”, duas portas de entrada favoreceram o surgimento do movimento punk no Brasil:

“Estas informações sobre o punk rock nos chegam de que forma? Em primeiro lugar, através da imprensa, de vez em quando saía alguma revista tipo a revista Pop, ou mesmo algum jornal, Som 3, às vezes sempre saía alguma coisinha, isso já no fim dos anos 70 eu já acompanhava isso. Neste período, tem duas fontes de informações que são fundamentais para o Punk Rock aqui no Brasil: a primeira é uma loja que havia, aliás que agora voltou, é nas grandes galerias que era Punk Rock do Fabião que toca no Olho Seco. Então, era através da Punk Rock, era praticamente o único canal que vinha material de fora, das bandas que vinham de fora. Se não fosse pelo Fabião, provavelmente, muita gente conheceria pouco mais do que Ramones, Splash e Pistols que era a única coisa que tinha saído na época aqui no Brasil, lançado aqui. Então, a primeira fonte de informação, a janela por onde entrava isso daí era a loja do Fabião e uma segunda janela era um programa que é da antiga rádio Excelsior que era capitaneado pelo Kid Vinil, que todo mundo conhece. Esse programa, hoje, falando assim, dá a impressão, puxa, qual a influência de um programinha de rádio, uma lojinha e tal. Eu vou dar um exemplo pra ilustrar bem isso daí. Eu estava conversando com um colega meu e comentando: Puxa! Naquela época, porque o programa do Kid Vinil mudou de horário e dia várias vezes, teve época que era no sábado, teve época que era quarta-feira, etc e tal. Tinha um colega meu, esse

colega meu, que na época, o programa acho que era de quarta-feira à noite, o cara pulava o muro da escola pra ir pra casa pra gravar o programa do Kid Vinil. E era muito engraçado, que as pessoas não só ouviam o programa, como gravavam o programa. Tinha, por exemplo, eu lembro que eu namorava com uma menina que há poucos anos atrás, no começo dos anos 90, ela ainda tinha fita gravada de 10 anos antes, aquela Basf cor de abóbora ainda, preta e cor de abóbora, fita com mais de 10 anos de idade que o pessoal gravava e essa era a principal fonte de informação que a gente tinha, tanto é que o pessoal gravava e trocava fita, um emprestava fita pro outro, fita do Kid Vinil. É através desse programa que as pessoas começam a saber da existência de bandas como Exploited e assim por diante. Então, essas duas portas possibilitaram o surgimento do movimento Punk aqui no Brasil ou, pelo menos, foram fundamentais para esse surgimento”.¹²⁸

Segundo Mao, as duas portas que favoreceram o surgimento do movimento punk no Brasil foram a loja Punk Rock e o programa radiofônico comandado por Kid Vinil, transmitido pela antiga Rádio Excelsior. Esses eram espaços de veiculação e de divulgação de informações acerca de bandas e de músicas punks. Jovens simpatizantes do punk cultivavam o hábito de ouvir e de gravar o referido programa radiofônico, assim como, o de trocar entre si suas gravações, possibilitando a propagação das idéias punks. Essas práticas foram fundamentais para o surgimento do movimento punk, segundo a avaliação de Mao.

As práticas, experiências e vivências dos punks estão repletas de lutas improvisadas, criativas e cooperativas. Através dos eventos musicais, dos encontros

¹²⁸ Trecho extraído de palestra de Mao (ex-integrante da banda Garotos Podres), feita em 9 de dez. 2002 no núcleo de Estudos do Cotidiano e da Cultura Urbana, da PUC-SP. In: Sociabilidade juvenil e cultura urbana. Orgs. Márcia

em pontos estratégicos da cidade, da socialização das gravações de programas de rádio e da produção de fanzines. Os punks articulavam redes de comunicação, possibilitando a organização e disseminação do movimento na cidade de São Paulo.

Orlando Saltini é punk desde a década de 1970 e nos concedeu entrevista afirmando que:

“O primeiro som que eu ouvi assim categorizado como punk foi em LP da ‘Revista Pop’. É bom lembrar que punk já existia na época do ‘Igg Pop’, ‘MC5’ e essas coisas todas já eram meio punk assim, eles não tinham rótulos de punk, mas eram, porque o ‘Igg Pop’ se rolava em caco de vidro, cuspiam, vomitavam, quer dizer, isso não era considerado atitude ‘normal’ no rock n/é? Na verdade, rock nunca foi algo normal. Então, voltando ao assunto, no Brasil, a ‘Revista Pop’ lança um disco chamado punk rock, não me lembro se o nome era mesmo punk rock, só sei que era da ‘Revista Pop’ dos anos 70. Olha rapaz, depois que eu ouvi isso aí, nossa, eu falei é isso mesmo que a gente tem que ouvir, é isso que eu quero. [...] Foi indo e eu fiquei fissurado pelo negócio e sou fissurado até hoje e serei fissurado até morrer. [...] Em São Paulo, o negócio chegou lá por 78/77, na Inglaterra já havia aquela predisposição e nos Estados Unidos já havia ‘Ramones’, ‘Patty Smith’, ‘Television’ e todas aquelas coisas, teve ‘New York Dolls, que também foi uma puta influência e na Inglaterra começa com ‘Damner’, ‘Sex Pistols’ e tudo isso foi se espalhando, pô, foi um sabe, uma ‘praga’ que se espalhou aí pelo mundo e hoje você tem punk na China, na Groelândia, você tem punk em tudo quanto é lugar”.¹²⁹

Saltini traça aqui a trajetória do movimento punk que no início tinha uma característica musical, “porque o punk veio resgatar o rock que tinha morrido e

Regina da costa e Elizabeth Murilho da Silva. São Paulo: Educ, 2006. p. 25.

¹²⁹ Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006.

virado orquestra sinfônica”.¹³⁰ Várias bandas punks e precursoras do punk no exterior são elencadas no depoimento. O disco denominado punk rock da ‘Revista Pop’ é citado como importante disseminador da música punk. Foi a partir da música que o depoente e muitos outros futuros punks começam a ter contato com o movimento. No final do depoimento, Saltini ressalta a idéia de internacionalismo dos punks. O entrevistado segue dizendo:

“São Paulo foi dividido assim por facções mesmo sabe? Por grupos e esses grupos, especialmente por causa de mulheres, começaram a se rivalizar. Então o que aconteceu? Aconteceu que, por exemplo, havia os ‘carecas do subúrbio’, os ‘carecas do ABC’, os ‘punks do centro’, os punks de São Miguel Paulista (os ‘punkid’s’ – que também tinham integrantes em São Mateus, Parque São Rafael – Zona Leste da cidade de São Paulo) e havia também na Zona Sul que agora eu não me recordo o nome. O berço do punk aqui em São Paulo foi a Zona Norte. [...] Vila Carolina (Z/N) foi onde tudo começou aqui no Brasil. Porque os primeiros punks foram daqui de São Paulo, depois começou no Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina, tal, tal, tal, n/é? Mas basicamente eram pessoas que ganhavam mal, eram pessoas que não viam oportunidades, mas isso tudo foi fruto da época n/é? A gente estava ainda no regime militar, que foi 1977/78,79, n/é? Até o general Figueiredo sair e, havia repressão, não como aquela de 71/72, mas tinha repressão, você não podia ficar falando o que você queria n/é? Tanto que teve shows aqui em São Paulo que a gente foi preso”.¹³¹

O depoente, ao enumerar os diversos grupos punks da cidade de São Paulo, demonstra a vitalidade e abrangência do movimento. Em quase todos os pontos da cidade temos os punks sendo representados. Por outro lado, o movimento inicia-se

¹³⁰ Idem. Ibidem.

já com suas contradições e divisões internas, que serão suas características no decorrer da história. As desavenças e rivalidades entre os grupos, segundo o depoente, têm relação com as disputas por causa das mulheres, isso pelo fato do “número de mulheres ser menor, provocando umas brigas entre os rapazes punks. Muitas vezes ficam enciumados, esses princípios de comportamento acabou gerando umas facções”.¹³² Outras rivalidades tinham relação com a própria localidade do bairro, se era do centro, da periferia ou da região da grande São Paulo. Por morarem em bairros periféricos e estarem em situação de exclusão, os punks da periferia consideravam-se mais legítimos.

O movimento inicia-se principalmente nas periferias da Cidade de São Paulo e na região industrial do “Grande ABC”,¹³³ regiões caracterizadas por uma base social proletária. Os jovens pobres sentiam na pele e no bolso a condição de exclusão social e a falta de perspectivas de futuro num país ainda mergulhado em uma ditadura militar.

Segundo Antonio Bivar, “a cidade de São Paulo é considerada o berço do movimento punk no Brasil”.¹³⁴ Mas, de acordo com Clemente, da Banda *Inocentes*, “no começo o punk rock não era movimento para salvar o mundo, era uma gangue

¹³¹ Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006.

¹³² Palestra de Falcão (Banda Excomungados) no ciclo: Cultura, contra cultura e cultura alternativa, realizada no Centro de Cultura Social (CCS) em 05/12/1987.

¹³³ Região do Grande ABC corresponde às Cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano. Em menor número o movimento também se disseminou nas Cidades de Diadema e Mauá, também na Grande São Paulo.

que era contra tudo, desde o sistema, até o cara do outro bairro” e Clemente segue dizendo que “por isso que não existia movimento até 1979, n/é? O movimento nasceu em 1980, porque as gangues começaram a conviver pacificamente, isso em São Paulo”.¹³⁵ E foi “dentro das gangues” que saíram “os primeiros sons e as primeiras bandas”¹³⁶ e, a partir das gangues e bandas, começaram a ser produzidos, em 1981, os primeiros fanzines punks na cidade.

“Os fanzines visam socializar e divulgar informações que, num primeiro momento, são principalmente de bandas. Apesar de feitos por punks, vão progressivamente tentando atingir um público cada vez mais amplo e diversificado.

Os fanzines são publicações geralmente feitas em xerox, de pequenas tiragens, vendidos em lojas e distribuidoras especializadas e também pelos editores. Circulavam principalmente pelo correio. Muitos, porém, podiam ser encontrados em shows, salões e pontos de encontro. Divulgavam-se mutuamente, uma vez que em quase todos estão presentes vários endereços de outros fanzines, inclusive de outros estados e países”.¹³⁷

“O fanzine, ele demonstra e divulga o movimento de uma forma que todo mundo possa ter acesso. Tem fanzine que é de graça, tem fanzine que custa 0.50 centavos, tem fanzine que custa um real, você vai lá na loja, nas lojas de punk, pelo menos na loja que eu frequento, lá do Fabião do “Olho Seco” (Banda Punk), tem fanzine. [...] eles não podem lançar livros, eles não podem, ééé... publicar nada em revista [...] então,

¹³⁴ BIVAR, Antonio. O que é punk. 4º ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1998.

¹³⁵ Entrevista concedida por Clemente da Banda Inocentes para o documentário “Botinadas – a origem do punk no Brasil” de Gastão Moreira, 2006.

¹³⁶ Entrevista concedida por Zorro integrante da Banda M19 para o documentário “Botinadas – a origem do punk no Brasil” de Gastão Moreira, 2006.

¹³⁷ OLIVEIRA, Antonio Carlos de. Os fanzines contam uma história sobre punks. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2006. p. 15.

eles lançam aquilo lá pra quê? Pra eles se manifestarem sobre a sociedade, [...] é um veículo de comunicação dos punks”.¹³⁸

Produzidos e distribuídos por alguns punks, feitos para os punks, mas podendo também ser destinado a outros públicos, os fanzines eram instrumentos de informação, instrução e produção da contracultura punk. Neles, encontramos informações sobre bandas, shows, pontos de encontros, além de reflexões sobre a conjuntura política, econômica, social e cultural do Brasil e do mundo.

Os fanzines “possibilitavam aos punks estarem ‘ligados’ aos principais acontecimentos de sua época”,¹³⁹ sendo, assim, um “veículo de socialização de idéias, espaço de debates e instrumento de organização do movimento”.¹⁴⁰ Havia uma preocupação de estarem informados para opinar, desmontar e criticar o sistema e o senso comum criado sobre eles através da grande imprensa e dos meios de massa.

O fanzine poderia ser escrito manualmente, datilografado, desenhado ou por meio de colagem de letra, textos, fotos ou charges de outros veículos de comunicação, dependia da condição econômica do editor e também de sua criatividade. A idéia era reproduzir o máximo de exemplares possíveis e distribui-

¹³⁸ Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006. Este depoimento estará disponibilizado no CEDIC/PUC-SP.

¹³⁹ OLIVEIRA, 2006. P. 11.

¹⁴⁰ Idem. Ibidem.

los de graça, quando se conseguia, às escondidas, copiar no escritório do próprio trabalho ou de um amigo, ou eram vendidos a preço de custo. Dessa forma, eles constituíam o seu próprio veículo de comunicação, à margem dos grandes meios de comunicação. Os jovens encontram no movimento um lugar onde possam atuar como sujeitos valorizados.

“[...] então você tem lá uma aparelhagem, mas você tem um cara que é seu camarada, seu irmão, seu primo, um amigo do bairro, que também quer uma banda e não tem, ele às vezes tem um instrumento, mas falta outro, então você abre espaço pra ele ir lá com você, pô vai ensaiar lá em casa pá, aí então, começa, quer dizer, já não um, mas três ou quatro, já são seis, oito, o maluco tem uma namorada, a namorada tem uma amiga, amiga tem um amigo, já quando tem um ensaio então, às vezes, você tem um grupinho reunido, então isso vai aglutinar, por isso assim, primeiro surgem as bandas, depois vão surgir os fanzines, você tem banda lá desde o final, desde 78 por aí já tem banda punk, mas o primeiro fanzine vai ser publicado em 1981 que é o ‘Factor Zero’, então aí, [...] só lá no meio da década de 80, é que esses fanzines que surgiram em 1981, são fortes o suficiente pra começar a distribuir outros fanzines e a constituir gravadoras, que é uma experiência. Por exemplo, o Redson começa a fazer uma música que ele chama de punk, que o Fábio do ‘Olho Seco’ (banda punk) diz que não é punk, aí surge o ‘Cólera’ (banda punk), no Cólera o Redson faz um fanzine chamado ‘Vix Punk’, lá na frente ele vai criar os ‘Estúdios Vermelhos’ distribuidora e gravadora, a mesma coisa o Renato do ‘Alerta Punk’ (fanzine) vai criar a distribuidora ‘Alerta Punk’ lá na frente, os dois se fundem e criam o ‘Ataque Frontal’ e lançam o LP ‘Ataque Sonoro’, que é uma gravadora, distribuidora, produtora, esses baratos aí”.¹⁴¹

¹⁴¹ Entrevista concedida ao autor, em 20/07/2006, por Antonio Carlos de Oliveira editor do fanzine “Anti-Sistema” da década de 1980.

Antonio Carlos, editor do fanzine Anti-Sistema da década de 1980, diz como agregavam e ampliavam o movimento, havendo possibilidades de ser e viver de acordo com outros valores e abrir novos caminhos. Segue pontuando algumas características dos fanzines e também das práticas de jovens punks. De acordo com o depoente, a confecção de fanzine está associada ao surgimento das bandas punks, que resultaram da prática de se reunirem para a realização de ensaios. Os ensaios eram realizados nos bairros, nas casas dos próprios punks, sendo que nem todos possuíam instrumentos. Ainda assim, os ensaios aconteciam - improvisando-se bateria com latas, pedestais com vassouras e microfones com aparelhos de telefone - e serviam de motivo para reunir e aglutinar grupos de jovens, pelas mais diversas formas de afinidades: música, namoro, amizade, por exemplo.

Segundo Antonio Carlos, a produção de fanzines, que surgiram no início dos anos de 1980, ganharam força e dimensão social a ponto de, inclusive, chegarem a constituir gravadora, distribuidora e produtora de LP's.

O movimento punk então vai se fazendo no cotidiano e experiências de jovens que vivenciam seu tempo e sua história. Os grupos e bandas vão se articulando de acordo com afinidades, proximidades, num fazer-se histórico e na busca de novas experiências e referências identitárias. Dessa forma, os punks vão se organizando, ocupando os espaços da cidade, produzindo e distribuindo suas

músicas e fanzines, disseminando suas idéias e uma cultura punk de protesto e denúncia, principalmente da condição excludente e sem perspectivas de futuro em que se encontrava a maior parte dos jovens dos bairros distantes do centro da cidade.

Na medida em que a “grande imprensa e os meios de massa”,¹⁴² descompromissados com o movimento, vão apresentando o punk para o grande público, tinha-se a impressão de que seria mais uma moda pobre, suja e passageira. Como podemos constatar no fanzine “SP Punk”¹⁴³ de 1983, analisando uma reportagem veiculada no programa Fantástico da Rede Globo de televisão:

“Conseguiram [...] ridicularizar o movimento ao máximo mostrando e comparando os punks com a água podre que corria pelo chão imundo, dizendo que os punks se identificam com o lixo e o sujo, [...] Se o punk gostasse de tudo isso não exigiria melhores condições de vida [...]. Na situação em que o país se encontra, onde prevalece o desespero, a descrença nos dirigentes do país e a falta de perspectivas para o futuro. É melhor para o sistema enganar o povo ao invés de resolver. [...] No Fantástico onde uma repórter mentirosa fez um detestável e falso perfil dos punks paulistas levando para milhares de lares uma falsa imagem [...] a repórter generalizou [...] isso nos prejudicou”.¹⁴⁴

¹⁴² Utilizamos o termo “grande imprensa como um jornal ou uma revista de grande circulação. ‘Meios de massa’ são representados principalmente pela televisão que tem uma grande penetração, um grande alcance sobre a população”. IN: SODRÉ, 2007.

¹⁴³ SP Punk – mar/ab/83 – nº 2. In: BRITO, Mônica A.; MACIEL, Eduardo; OLIVEIRA, Clodoaldo R. de; SANTOS, Ana Paula C. dos; SILVA, Getúlio P.. O movimento punk na cena paulistana – década de 80. São Paulo: Biblioteca da Unicastelo (TCC), 2005. Xerografado.

¹⁴⁴ Idem. Ibidem.

Segundo os editores do fanzine SP Punk, a Rede Globo “é uma grande agente do sistema e meio de alienação em massa” na medida em que defende os interesses do sistema capitalista, de preservação de seus anunciantes e defesa de seu capital, mantendo o controle da comunicação. No caso da reportagem sobre os punks, a informação é disseminada, privilegiando-se aspectos sensacionalistas do movimento em detrimento do seu caráter de contestação e luta por melhores condições de vida.

O que se vê, são várias reportagens descaracterizando o movimento punk, em sua maioria associando eles a gangues marginais e violentas. “A extrema relevância do fanzine está em transmitir informações que interessavam aos punks, mas não aos grandes jornais e revistas”.¹⁴⁵ A grande imprensa – como, por exemplo, a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo – são jornais de circulação nacional, com periodicidade diária, vendidos avulso e por assinatura, destinados ao grande público e, especialmente, ao público letrado. Transmitiam informações parciais, “tendendo a supervalorizar determinados aspectos em detrimento de outros”.¹⁴⁶ Uma dessas reportagens é assinada por Luiz Fernando Emediato, publicada no jornal “O Estado de São Paulo”, com o representativo título: “A geração Abandonada”:

¹⁴⁵ OLIVEIRA, 2006.p. 16.

¹⁴⁶ Idem. Ibidem.

“Eles gostam de bater, só isso (...) foi ainda nos anos 70 que surgiu mais uma tentativa de rebeldia contra uma sociedade que negava ao jovem a possibilidade de realizar-se como pessoa: o punkismo gerado no ventre do proletariado inglês, no caldo do desemprego e da crise do Reino Unido, o horror visual, a violência e muito pessimismo dos antigos beatniks. Avessos a política, sujos, segregacionista (...)”.¹⁴⁷

Neste caso, observamos uma das formas mais características de abordagens da temática juvenil. Geralmente, os produtos dirigidos para esse público contém temas relacionados a comportamento, cultura, violência, agressividade, esporte e lazer ou formas de se combater problemas juvenis. “Parece estar presente na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização como ações a ela dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é esta a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além e de colocá-los como capazes de formular questões significativas”.¹⁴⁸

Em outubro de 1983, o fanzine “Lixo Cultural”¹⁴⁹ fala sobre a música – punk da periferia – de Gilberto Gil:

¹⁴⁷ Jornal “ O Estado de São Paulo”. 05/05/82, p.19.

¹⁴⁸ ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude/contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, Nº 5 e 6. São Paulo:ANPED, 1997.

¹⁴⁹ Fanzine Lixo Cultural – out/1983.

“[...] acho mesmo que o Sr. Gil não faça nem mesmo a ligeira idéia do que seja ou considera o movimento punk. Seus versos não têm nada a ver com o punk, e são absurdos, ‘curto porcaria e saber que entraremos pelo cano não satisfaz,’ não creio que algum de nós possa sentir-se satisfeito sabendo que vai se dar mal [...]. Sobre curtir porcaria [...] nenhum de nós jamais curtiu alguma música do Sr. Gil [...]. Pode parecer engraçado, mas trata-se de uma nova tentativa do sistema nos abocanhar”.¹⁵⁰

O videoclipe dessa música também foi veiculado pelo programa Fantástico (1983). Os punks foram mostrados como jovens maltrapilhos vagando por um ferro velho de automóveis, ruas e becos sujos, como se fossem jovens que simplesmente gostavam de coisas podres e imundas.

Ainda, no dia 30 de Janeiro de 1983, foi lançado um filme pornográfico no Cine Marabá com o sugestivo nome de: “Punks, os filhos da noite”. Um filme “com cenas de sexo muito ruins e que só ficou em cartaz durante uma semana”.¹⁵¹ Os punks serão também representados no último capítulo da novela – Eu Prometo - da Rede Globo (1984), em cena que a atriz Fernanda Torres é cercada por punks, mostrando-os “como arruaceiros”.¹⁵²

Em 1984 também aparecem jornais dando dicas e sugestões de como se vestir e ter um comportamento punk. O Jornal Folha de São Paulo apresenta duas

¹⁵⁰ Idem. Ibidem.

¹⁵¹ Fanzine Lixo Cultural – mar/1984 – nº4 (com recorte do Jornal da Tarde sobre o filme). In: BRITO, MACIEL, OLIVEIRA, SANTOS, SILVA, 2005.

¹⁵² Idem. Ibidem.

versões: “Rica pra quem pode pagar perto de 300 mil cruzeiros por uma roupa de couro e pobre pra quem anda de jeans sujos e camisetas furadas. [...] Adorne tudo com correntes, alfinetes, [...] seja violento, arrote alto e fale palavrões, [...] você não terá ponto, vagará em gangs pela cidade como um errante”.¹⁵³

Tínhamos também, na década de 1980, um personagem do programa - Viva o Gordo - na Rede Globo, onde o humorista Jô Soares representava um punk que usava o seguinte jargão: “Oi tudo é lindo, se você viver cuspiando, e vou cuspiando...”, dando a mesma idéia de outro personagem dos cartuns da Folha de São Paulo, o Bob Cuspe, a única preocupação desses personagens era cuspir em tudo e em todos.

Segundo os editores do fanzine Lixo Cultural, “a solução para se evitar essas deturpações era trocar mais idéias, intensificar nossos contatos, brigar menos entre nós mesmos e mais contra eles, lançando mais fanzines, fitas, shows e conquistando mais espaços”.¹⁵⁴ E o nosso trabalho vem colocar à tona essas questões, vem demonstrar que os punks são sujeitos históricos que interferem, interagem e participam da vida política e social, manifestando suas práticas e experiências através da música, dos fanzines e de seu comportamento punk e anarquista de crítica e protesto diante da sociedade vigente.

¹⁵³ Jornal Folha de São Paulo, 15 de julho de 1984 - reportagem: “O fim de semana está chegando, produza seu tipo inesquecível – dicas para quem quer se produzir para o final de semana”, por Junia Nogueira de Sá.

No entanto, condições históricas, tais como, a falência do milagre econômico e a repressão política, cultural e social imposta pela ditadura militar no Brasil (pós 64) foram fatores preponderantes para a explosão do protesto punk, pois deixaram perspectivas sombrias para os jovens pobres.

“O movimento punk no Brasil: não é sindicato, partido, comportamento, instituição, nem moda e nem a salvação para o mundo, é simplesmente um estilo de vida sob protesto. O punk se preocupa e luta contra as injustiças que ocorre com o ser humano e a natureza. Usamos aquele visual sujo e agressivo prá mostrar o quanto a fome e a miséria é violenta. Queremos também agredir essa sociedade burguesa, a não ter vergonha de sua própria desgraça. Precisamos acabar com a fome, com a miséria e esconder ela não é a solução, esperar pelo governo também não é. A implementação da ANARQUIA não é tarefa só dos punks e anarquistas, é uma tarefa de todo ser humano que quer viver livre. ‘O punk não quer o poder , o punk quer destruí-lo, o punk não quer o governo, quer extingui-lo’, o punk está querendo conscientizar e preparar o povão pra esta sociedade anarquista. Por isso, quando você ver a televisão ou o jornal colocar o punk como vagabundo, marginal, desordeiro, animal, não acredite! A imprensa fala isso dos punks porque ela também está do lado do sistema. Ela junto com o sistema sabe do perigo dos punks. Hoje o povo vê os punks como uma imagem negativa, mas futuramente verá os punks como sinônimo de revolta, luta, protesto. Punk é sinônimo de anti-governo, mas por que de anti-governo!? Porque o governo domina a vida das pessoas, quer dar leis, ordens, porém jamais ser criticado ou desobedecido, o ser humano não precisa de governo, ele é auto-suficiente e capaz de viver livre e em harmonia sem ser governado por ninguém”.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Fanzine Lixo Cultural – out/1983. In: BRITO, MACIEL, OLIVEIRA, SANTOS, SILVA, 2005.

¹⁵⁵ Fanzine “Alerta Brasil”, 1989 – Acervo do CEDIC-PUC/SP.

O estilo de vida punk é de luta contra as injustiças, pregando uma sociedade sem governo através da conscientização de todos os excluídos com o objetivo de implementação da anarquia. Segundo o pensamento punk, eles usam um visual sujo como forma de denunciar as injustiças e arbitrariedades do próprio sistema capitalista e representam um perigo para o sistema e por esse motivo são agredidos. Os editores do fanzine apresentam uma perspectiva positiva de futuro, que é o reconhecimento do movimento como contestador e precursor de uma nova sociedade, a sociedade anarquista.

É interessante refletir também sobre a escrita de Brasil com a letra “z”, será por descuido, ironia, falta de conhecimento ou proposital, no sentido de demonstrar o internacionalismo do movimento? Vale ressaltar que no nome do fanzine (Alerta Brasil) a grafia de Brasil está correta. No fanzine Alerta Brasil, os editores retratam a indignação punk expressa em palavras de protesto contra todas as formas de poder e de governo, contra, também, o sistema (político, econômico, social e cultural) que, para eles controla e dirige a vida das pessoas, utilizando-se de uma de suas ferramentas que é a imprensa (escrita e televisiva). Os punks defendem, então, que podem ser auto-suficiente e capaz de viverem livre e em harmonia, sem ser governado por ninguém.

Este fanzine, “Alerta Punk”, foi escrito em 1989, período considerado por nós como um segundo momento da trajetória do movimento punk (pós-1985), onde os grupos punks estão mais articulados, havendo uma separação mais nítida entre os que gostavam somente da música punk, do visual, do comportamento ou da atitude explicitamente política.

O movimento punk, no decorrer de sua existência, está sempre buscando se rearticular, procurando fugir dos estigmas da violência e do modismo desarticulado, havendo uma preocupação crescente com certa conscientização e politização do movimento, abrindo “espaço para a emergência de novos referenciais de contestação mais participativos e menos segregacionistas”.¹⁵⁶

“Eu admiro o movimento punk, mas o autentico movimento punk, não alguns embalistas que eu já vi em SP., que nem sabem as origens do movimento, nem o que ele defende e acham que é só fazer um determinado corte de cabelo e pronto, mas continuam reproduzindo toda a burrice e atitude do sistema. Agindo com violência indiscriminadamente, agredindo todo mundo que não tem uma aparência igual a sua, não participando de outros movimentos que não sejam exclusivamente punks. [...] Seria legal se todos os marginalizados e os discriminados se unissem para efetivar uma ação direta de destruição de toda a opressão, sem nenhum direcionamento dogmático. [...] Sobre dar uma força em selos ou mesmo em grana, (in) felizmente tô desempregado e sem grana. Mas vou dar uma dica que acho que pode ajudar. Dá pra botar

¹⁵⁶ SOUSA, 2002.

os selos usados num pouco d'água algumas horas e o carimbo sai passando a mão sobre o selo, aí ele fica novo".¹⁵⁷

Havia um esforço por parte dos punks em manter o “autêntico movimento”, denunciando os “embalistas” que ingressavam no movimento por modismo, “reproduzindo toda a burrice e atitude do sistema”. Outro fator significativo nas análises das cartas é que a maioria dos remetentes estavam desempregados, sem dinheiro para compra de selos e a alternativa utilizada por eles era a reutilização dos selos através da retirada do carimbo utilizando água sanitária. Isso demonstra o esforço e criatividade do movimento para driblar os problemas econômicos e manter uma das redes de comunicação dos punks, que eram as cartas, onde a circulação de idéias e informações era disseminada e articulada.

Ainda refletindo sobre a diversidade de correntes, pensamentos e grupos punks, é importante analisarmos a idéia defendida por Antonio Carlos de Oliveira em sua obra intitulada – “Os fanzines contam uma história sobre punks”.¹⁵⁸ Nesse trabalho, o autor discute as diferenças de atitudes e comportamentos punks, argumentando que todos os grupos, com suas divergências ou convergências, fazem parte do movimento, vejamos:

¹⁵⁷ Carta enviada por Ivo, da Casa Verde Alta/S.P., para o Núcleo de Consciência Punk, localizado no Itaim Paulista/S.P.(O N.C.P. era uma organização punk responsável por difundir os ideais punks). Este doc. está disponível no CEDIC-PUC/SP.

¹⁵⁸ OLIVEIRA, 2006.

“Uma coisa interessante no conteúdo é a ferrenha crítica que os editores fazem aos ‘falsos punks’, porém estes estão presentes no movimento. Essa posição extremamente desfavorável na verdade é a do ‘verdadeiro punk’ que faz o fanzine e expressa sua posição em relação a outros. Nessa história, fica clara uma relação de poder dos que fazem os fanzines sobre os que não fazem, como é o caso dos ‘falsos punks’.

Se o ‘falso punk’ exerce seu poder de forma violenta, o verdadeiro punk (se assim o podemos chamar) o faz através da circulação de informações, em que prevalece o seu ponto de vista, uma vez que o outro está praticamente ausente. [...] as posições dos ‘falsos punks’ fazem parte do movimento, inclusive sobre os temas que os próprios fanzines abordam, essas posições não estão documentadas nos fanzines que são feitos pelos ‘verdadeiros punks’. Existe aí uma censura e um movimento de exclusão característico daqueles que se julgam os ‘verdadeiros’”.¹⁵⁹

Essa idéia de punks falsos e punks verdadeiros expressa uma disputa de poder existente entre os grupos. Tais disputas parecem estar ligadas à visão de anarquismo de cada um dos grupos, bem como ao modo que exercem o poder, interagem e interferem na sociedade. Por um lado, há grupos punks que fazem disputas de idéias e opiniões através da edição de fanzines; vale dizer que fazem a disputa ideológica na sociedade; por outro lado, o grupo que não edita fanzines exerce seu poder de forma espontânea e muitas vezes violenta, isto é, através da ação direta, que é uma outra forma de expressão do pensamento anarquista.

¹⁵⁹ Idem. Ibidem. p. 15/16.

O esforço, principalmente dos produtores de fanzines e dos integrantes das bandas punks, era justamente manter o viés político, contestador e anárquico do movimento, numa luta constante e desigual com a grande imprensa que apresentava os punks como rebeldes sem causa, uma moda passageira que logo seria absorvida pelo mercado de consumo. É nessa perspectiva que analisamos o embate entre os diversos grupos punks.

Através da paulatina troca de idéias e experiências entre os punks, possibilitadas principalmente pelas cartas, pelos fanzines, pelos eventos musicais e pelos pontos de encontro, eles começaram a se apropriar dos espaços da cidade de São Paulo. Possibilitando “mediações simbólicas através das quais tempo e espaço participam da estruturação da experiência social”.¹⁶⁰

“Em 1977/78 reúnem-se na sociedade amigos de Bairro da Vila Masei – Zona Norte da cidade paulistana - no salão denominado Construção. Já por volta de 1981/82, o ponto de encontro dos punks era no salão conhecido como ‘Templo’(Associação de Surdos e Mudos) que, segundo Clemente da Banda *Inocentes*, o som só era permitido porque os associados não ouviam o barulho”.¹⁶¹

¹⁶⁰ ARANTES NETO, Antonio Augusto. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p. 88.

¹⁶¹ Vídeo documentário -“Botinada – a origem do punk no Brasil” de Gastão Moreira, São Paulo, 2006.

“...no Templo tinha lá, era um lugar que o pessoal ia, geralmente tinha sexta, sábado, e às vezes de domingo, tinha lá um show de fita, n/é? Depôs às vezes tinha até show de banda, era um lugar, mas daí tinha a repressão, n/é? Quer dizer, junta aquele mundaréu de cara, som alto, sempre sai uma briga, bebedeira, pá, vem repressão, ééé...”¹⁶²

Esses salões onde se realizavam os eventos eram locais onde punks de toda a região metropolitana se encontravam, trocavam idéias e experiências, como, por exemplo, o show de bandas punks realizado no dia 13 de Março de 1982, em um salão localizado na Rua Rafael Proença, nº 433, em Santo Amaro (Zona Sul). No panfleto de divulgação desse evento havia a seguinte informação: “[...] não destrua os ônibus, eles serão úteis nos próximos shows. Paz entre os punks. Não esqueçam os documentos”,¹⁶³ demonstrando que alguns punks cometiam vandalismo e que as brigas faziam parte do cotidiano punk juntamente com a repressão policial.

Em todos os bairros da cidade de São Paulo, onde o movimento atuava, os punks iriam criar os seus pontos de encontro, geralmente eram Sociedades Amigos de Bairro, do local onde moravam e conheciam a comunidade e essa proximidade permitia o contato e mobilização do espaço para realização de eventos.

Outro local de encontro dos punks era a Galeria 24 de Maio (Rua 24 de maio, nº36), local de lojas com produtos punks, localizada na região central da cidade,

¹⁶² Entrevista concedida ao autor por Antonio Carlos de Oliveira em 20/07/2006.

¹⁶³ Fanzine Vix Punk – Maio de 1982. In: BRITO; MACIEL; OLIVEIRA; SANTOS; SILVA, 2005.

entre a Praça Ramos de Azevedo e a Praça da República. Fábio, dono de uma das lojas conhecida como Punk Rock , nos deu entrevista dizendo que:

“[...] Depois que eu abri a loja (1979) que o pessoal começou n/é, porque eu mesmo nem sabia que existia punk aqui, aí a molecada começou vir, aparecer na loja, [...] se encontrar em frente à loja, assim de sábado n/é, e virou um ponto mesmo. [...] Uma rapa de banda foi formada na loja praticamente n/é, quer dizer, o pessoal vinha, se encontrava e, resolvia, tava procurando alguém, acho que baixo, guitarra, sei lá, bateria, e aí formava a banda”.¹⁶⁴

Na galeria os punks estabeleciam contato, trocavam informações com outros grupos e com a sociedade em geral, pois o espaço era público. Experienciavam diferentes formas de sociabilidade, de solidariedade e práticas de resistências estabelecendo novas formas de vida. Na galeria podíamos encontrar fanzines, discos e fitas de bandas punks, acessórios, roupas e vários punks circulando, geralmente em grupos, o que era característico do movimento, já que eram constantes os confrontos com outros grupos, com os seguranças da galeria ou então com a repressão policial.

Para Fábio, não foi fácil estabelecer seu comércio na galeria e os punks também resistiram pelo direito do local de encontro.

“[...] Aí aconteceu um monte de problema, aí em 84 por aí..., porque imagina só, aqui só tinha crente, alfaiate [...], crente, crente, bar n/é, [...] só tinha três lojas: Baratos Afins, Music House e eu aqui. Aí imagina só, um monte de moleque, jaqueta preta, cabelo arrepiado, o que o síndico fez? Rua n/é, expulsando a molecada. [...] Aí, de sábado, ele punha a segurança em todas as entradas da galeria e não deixava roqueiro subir, sabe, porque ele não sabia o que era punk e o que era roqueiro certo. [...] Aí fizeram três abaixo assinado pra me tirar daqui. Na região central os punks se encontravam aqui ou na São Bento”.¹⁶⁵

Os punks conquistavam seus territórios na cidade com luta, resistência e criatividade. Em muitos locais foram rejeitados, não os conheciam, confundiam-nos com roqueiros, baderneiros, desocupados, eram julgados pela roupa que usavam ou pelo corte de cabelo, eram esteriotipados de forma pejorativa.

Mas a estação São Bento do Metrô (Região Central), que “era um lugar também tradicional em que o pessoal se encontrava, também rolava repressão”.¹⁶⁶

“É”, então, a estação de metrô, reunia muito office-boy, n/é, que trabalhava no comércio em São Paulo, eu era office-boy nessa época, acho que aqui do bairro a gente era seis ou sete office-boys da mesma região, a gente ia e voltava junto praticamente todo dia meu, então a gente tinha essa relação de proximidade e por isso ficava mais fácil pra gente também, mas até chegar, por exemplo: você sair da periferia e chegar em um lugar desse, você chega devagarzinho n/é, a primeira vez que a gente foi, e passamos pela São Bento, tava eu e um cara que já morreu o ‘OBD Negro’ (Neguinha), a gente passa e os malucos vem, enquadra: ‘da onde vocês são?! De onde vocês são?! São de São Caetano?!’ O pessoal da

¹⁶⁴ Depoimento concedido ao autor por Fábio R. Sampaio (dono da loja Punk Rock – Galeria 24 de Maio), em 19/01/2007.

¹⁶⁵ Idem.

Cidade tava com uma treta com o pessoal de São Caetano, aí nós falamos: ‘somos do Parque São Rafael, Zona Leste’. A Zona Leste tudo bem, mas pá, fica aquele clima n/é, e não é um, você está passando e vem vinte, trinta cara em cima de você e quer saber e, de repente, você é um maluco desavisado, e fala: ‘eu sou de São Caetano’, um moleque bobo lá vai, acabou de comprar uma camisetinha, arrumar uma calça jeans e saiu de rolê, e tomou um pau, porra, não tem nada ver com nada, mas tomou um pau. Então, essa coisa do espaço, também tinha quem dominava o espaço, quem controlava a idéia ali”.¹⁶⁷

Muitos jovens punks que conseguiam emprego eram office-boys, moradores das regiões distantes do centro. Percorriam as longas distâncias de ônibus ou de trem, de casa para o trabalho e vice-versa, as atividades de office-boy permitiam um trânsito por vários espaços da cidade. Mas a estação São Bento do Metrô era o espaço de vivência, onde os punks, office-boys ou não, se encontravam, demarcavam fronteiras invisíveis e simbólicas, onde quem chegava era checado, “os malucos vem, enquadra”,¹⁶⁸ havendo uma disputa pelo domínio do espaço. Essa estação permitia o acesso prático aos punks de todas às regiões da cidade.

A demarcação desses lugares na cidade não é fruto do acaso, são espaços “simbolicamente necessários que, além de propiciarem visibilidade pública às atuações e a seus atores, carregam significações contemporâneas e memórias”.¹⁶⁹ Os lugares demarcados na cidade pelos diferentes grupos conferiam suas

¹⁶⁶ Entrevista concedida ao autor por Antonio Carlos de Oliveira em 20/07/2006.

¹⁶⁷ Idem. Ibidem.

¹⁶⁸ Idem. Ibidem.

¹⁶⁹ ARANTES NETO, 2000. p. 102.

referências identitárias, seu modo de viver e de agir estão configurados nos eventos dos quais participaram, onde o conflito e as tensões estão expressos no interior e no exterior dos grupos, e dessa forma, as suas vivências e experiências na cidade criam essa possibilidade de contatos.

Ouvimos o grito de rebeldia anárquica punk, verificamos práticas anarquistas do movimento na cidade de São Paulo e a conquista de territórios. Aprofundaremos agora uma análise sobre o anarquismo no movimento punk.

III – ANARQUIA E MOVIMENTO PUNK

“O que é anarquismo era o livro de cabeceira de muitos daqueles punks, junto com obras de clássicos anarquistas como Proudhon e Mikhail Bakunin”.¹⁷⁰

Inicialmente faremos alguns apontamentos sobre as diversas manifestações e organizações do anarquismo no decorrer da História. O mutualismo do francês

Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) defendia a não abstenção do voto e influenciou as organizações de orientação cooperativa; eram conhecidos pelo seu ferrenho anticlericalismo e contrários a qualquer atividade clandestina, propuseram também um banco comum de crédito gratuito. O coletivismo de Michail Bakunin (1814-1876): para os coletivistas a revolução seria feita pela ação espontânea das massas, eram favoráveis às vastas organizações operárias. O anarco-comunismo de P. Kropotkin (1842-1921): defendia a necessidade de organização de grupos formados somente por propagandistas da causa libertária, sem nenhum centro de poder, cada pessoa seria juiz de suas próprias ações e exigências. O individualismo anarquista inspirado por Max Stirner (1806-1859): segundo o qual nenhum indivíduo deverá exercer poder sobre o outro, cada ser é único e todos deveriam combater o Estado com os meios disponíveis. Posteriormente o individualismo anarquista se articulará em torno da violência de cunho político. E, finalmente, o anarco-sindicalismo que se espalhou pela Europa e nas Américas, inclusive no Brasil, e que teve uma atuação marcante, principalmente no final do século XIX e início do século XX, quando uma parcela considerável de imigrantes espanhóis e italianos, imbuídos dos ideais anarquistas, contribuíram para as lutas sindicais e

¹⁷⁰ ESSINGER, Sílvia. Punk – Anarquia planetária e a cena brasileira. São Paulo: Editora 34, 1999.

operárias brasileiras. Para os anarco-sindicalistas a greve geral seria o supremo instrumento estratégico revolucionário.¹⁷¹

O conjunto de experiências anarquistas no Brasil apresenta diferenças internas entre os grupos e sua trajetória brasileira no decorrer do século XX será permeada por lutas, perseguições, fluxos e refluxos. Citamos essas diversas correntes anarquistas acreditando que elas influenciaram os ideais anarquistas dos punks na cidade de São Paulo.

Através das leituras e releituras “dos anarquismos”, o movimento punk idealizou suas próprias formas e práticas anarquistas. Haviam punks a favor do voto, os que pregavam o voto nulo, aqueles que defendiam a violência de cunho político (destruir para reconstruir com dignidade), muitos eram anticlericais, antimilitaristas, pacifistas e outros defendiam o meio ambiente.

O depoimento do punk Orlando Saltini expressa essa diversidade de formas de ações e entendimentos do anarquismo:

“Sempre houve muitos, muitos punks, principalmente americanos e ingleses, que liam bastante sobre a filosofia anarquista da França e acharam que aquilo tinha muito a ver com o punk, tanto que o símbolo é um “A”, cortado com um traço, que é aquele, anarquia, n/é?! Mas o que eu quero dizer pra você é que anarquia não se restringe a selvageria, n/é?! Eu acho que pra você ser punk, você não precisa ser marginal, você tem de ser rebelde, falar o que você quer, mas eu acho que você não precisa destruir as coisas e sim a forma

¹⁷¹ Sobre as diversas correntes anarquistas ver: WOODCOCK, 1983 e COSTA, 1985.

como as pessoas aceitam e enxergam esse mundo. Infelizmente, aqui no Brasil, o pessoal confunde anarquia com selvageria, entendeu?! Eu acho, acho que não é por aí, não é por aí. Muitas pessoas (anarquistas) foram mortas na França, mas eles não destruíam nada, eram os ideais que pregavam que os condenavam, n/é?! Então houve o ideal anarquista nos EUA quando, quando daquela imigração no início do século XX, n/é?! Estou falando de 1905, 1906, porra, os italianos que chegaram lá eram todos anarquistas. A Itália é uma anarquia, n/é cara?! Mas aí começou uma perseguição e muitos foram condenados à morte. È bem verdade que esses anarquistas italianos mataram muita gente com bombas e eles gritavam: viva a anarquia! Mas a anarquia, não é aquilo, não sei, ao meu ver, anarquia não é isso. Anarquia é você expressar o que você quer a qualquer hora, sem nenhum tipo de censura, entendeu? Pra mim é isso. E o punk, claro, por ter essa conexão, sempre vai estar ligado ao anarquismo e aqui muita gente lê, sabe, muita gente lê sobre anarquia, muitos punks gostam de anarquia, eu também já li muito sobre anarquia, enciclopédias, e acho que tem muito a ver”.¹⁷²

Segundo Orlando Saltini, ser punk significa ser rebelde, falar o que quer e destruir a forma como as pessoas enxergam esse mundo; daí haver uma proximidade com o anarquismo, pois para ele a anarquia é você expressar o que quer a qualquer hora, sem nenhum tipo de censura. Saltini ressalta ainda a identificação de alguns punks com o anarquismo e a necessidade de compreensão dos seus significados teóricos e práticos.

Segundo Antonio Carlos, editor do fanzine Anti-Sistema, havia muita confusão em torno do significado da anarquia. Diante disso, muitos fanzines

¹⁷² Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006.

reproduziam, faziam resenhas e resumos de livros e jornais anarquistas. Para Antonio Carlos:

“As pessoas têm mania de dizer que anarquia é desordem, bagunça, algazarra sem nenhum propósito. Anarquia quer dizer sem autoridade, sem governo, sem superiores, as autoridades superiores são os mais corruptos, os que se aproveitam do falso poder que tem para oprimir e fazer sucumbir às classes pobres. A anarquia é uma forma de vida em que o indivíduo não deve ser nem mais nem menos que ninguém, não existem superiores porque não existem inferiores, cada um fará o que é capaz de fazer, não se exigindo o impossível como nessa sociedade, receberíamos o que nos seria justo, não haveria racismo, pobreza, fome e muito menos riqueza e ambição”.¹⁷³

Definições como essa de anarquia circulavam nos fanzines punks em toda a cidade, ajudando na constituição dos ideais anarquistas dentro do movimento, na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Para muitos punks o movimento era uma forma de luta prática visando à transformação social.

Identificamos na fala de Antonio Carlos alguns pontos em comum com o depoimento de Saltini: ambos citam a idéia do senso comum de que anarquia é desordem e bagunça e ambos relatam idéias sobre o que é anarquia. Porém, enquanto Saltini apresenta uma definição mais particular e superficial, Antonio Carlos explicita um viés mais social e político quando relaciona corrupção e o poder como geradores de desigualdades sociais, defendendo, através do

¹⁷³ Fanzine Anti-Sistema – jul/1984 – n°1.

anarquismo, uma sociedade onde “não haveria racismo, pobreza, fome e muito menos riqueza e ambição”.

No dia 21 de Agosto de 1989, o jornal Metrô News,¹⁷⁴ que não tem características de grande imprensa, pois é distribuído gratuitamente nas estações do Metropolitano de São Paulo (Metrô/SP), onde circulam pessoas de toda a cidade, publicou, no caderno de política, uma matéria intitulada: “Se há governo eles são contra”. Logo no início da reportagem apareciam duas fotos. A primeira com dois anarquistas: “Afonso Schmidt”¹⁷⁵ e “Edgard Leuenrotth”.¹⁷⁶ A segunda, ao lado da primeira, com dois jovens punks (não identificados). Embaixo dessas fotos está escrito - “dois antigos anarquistas [...]: ao lado, dois jovens anarquistas – punks”.

“A matéria”¹⁷⁷ segue dizendo da eterna procura do homem pela liberdade e de “alguns homens persistentes que atravessaram a história da humanidade com suas idéias libertárias - são os anarquistas”. Em seguida, o jornal fala sobre “Jaime Cuberos, do Centro de Cultura Social (CCS), um centro de estudos libertários, fundado em 1933”. Este militante anarquista, teve os primeiros contatos com o

¹⁷⁴ O Metrô News, propriedade da Empresa Jornalística Folha Metropolitana S/A, tinha tiragem em 1989, de 250 mil exemplares.

¹⁷⁵ Afonso Schmidt (1890-1964), escritor brasileiro, escreveu entre outros os romances – “Colônia Cecília” e “A Marcha”. Colaborou na publicação de periódicos, entre eles os de tendência anarquista “A lanterna”, “A Plebe” e “A Vanguarda”. Participou nos periódicos “A Voz do Povo” e “Folha da Noite. Na grande imprensa teve atuação no “O Comércio de São Paulo” e “O Estado de São Paulo” onde publicou grande parte de seus trabalhos compostos por mais de 40 obras e inúmeros artigos.

¹⁷⁶ Edgard Leuenrotth nasceu em Mogi Mirim em 1881, durante sua vivência, teve intensa participação no movimento anarquista, fundou periódicos e colaborou para o debate das idéias libertárias durante o século XX. Trabalhou como

anarquismo aos 15 anos e na época da reportagem (1989) tinha 62 anos de idade. O Metrô News segue sua reportagem citando um depoimento de Jaime Cuberos defendendo que: “Ser anarquista é antes de tudo ter uma atitude ética sobre as injustiças”. Para o entrevistado, “as idéias anarquistas estão sendo levantadas por grandes multidões, principalmente no sentido ecológico e contra as explosões nucleares, porque esses problemas nascem do Estado” e, segundo a reportagem, “os anarquistas querem a destruição do Estado (a palavra anarquia deriva do grego, significa ‘sem governo’), pois consideram que ele é o mal em si, com poderes de ditar regras e punir os desobedientes”. Cubero prossegue na matéria jornalística defendendo que os anarquistas são a favor da organização. Ele diz: [...] “nós defendemos que cada grupo se una conforme suas idéias e condições semelhantes – o que chamamos de livre associação, sem imposição nenhuma, exatamente para organizar uma nova sociedade”. Essa organização, relata o jornal, “será em forma de autogestão, isto é, com distribuição de funções, nunca de cargos hierárquicos”.

“A reportagem”¹⁷⁸ também cita que os anarquistas defendem a “ação direta, ou seja, partir para a ‘revolução já’ nos pequenos e grandes problemas do cotidiano ou contra as mais simples proibições da sociedade”. Cubero refere-se também à

tipógrafo e colecionou rico acervo sobre o movimento operário que hoje está disponibilizado na Unicamp, em arquivo que leva o seu nome.

¹⁷⁷ Jornal Metrô News, 21 de Agosto de 1989.

¹⁷⁸ Idem. Ibidem.

“autogestão pedagógica, que é a educação voltada para o cotidiano”, método pedagógico utilizado nas atividades do Centro de Cultura Social.

Na seqüência, “o jornal”¹⁷⁹ faz referência às práticas anarquistas dos punks dizendo que “no último dia 06 de Agosto, punks e anarquistas protestaram contra a bomba atômica lançada em Hiroshima há 44 anos e, na Estação da Luz, em São Paulo, ergueram faixas pregando o voto nulo nas próximas eleições presidenciais”.

“A reportagem”¹⁸⁰ ainda faz referências à passagem do século XIX para o XX, período em que “as idéias anarquistas imigraram para o Brasil, junto com os italianos e espanhóis”. Sobre algumas experiências do anarquismo no Brasil o jornal cita o exemplo da Colônia Cecília, conduzida pelo agrônomo Giovani Rossi no Estado do Paraná. “A organização de cerca de 300 pessoas era cooperativa e anarquista, na qual não existia hierarquia, numa autêntica e pioneira experiência autogestionária”. Segundo o jornal, o fim da Colônia Cecília deve-se principalmente à intervenção “de tropas republicanas, que destruíram a comunidade”. Muitos moradores da colônia foram, então, para as cidades, agindo como protagonistas das lutas operárias, ajudando a fundar os princípios do anarco-sindicalismo no Brasil.

¹⁷⁹ Idem Ibidem.

¹⁸⁰ Idem Ibidem.

A participação dos anarquistas no Primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906 no Rio de Janeiro também foi citada “na reportagem”¹⁸¹, expressando a participação dos anarquistas, “forçando a criação da Confederação Operária Brasileira (COB). [...] Já com as idéias anarquistas de propor formas de luta, como a greve, o boicote, atos de sabotagem e manifestações públicas ao governo e indústrias”. No final da matéria do Metrô News, é colocado que [...] “as lutas anti-militaristas, a rebeldia contra as leis, o governo e a sociedade, aproximam os punks brasileiros das lutas anarquistas”.

A reportagem, que acabamos de relatar, será contestada em carta enviada por militantes anarquistas, integrantes do Conselho Gestão da UGT-SP (União Geral dos Trabalhadores), COB (Confederação Operária Brasileira) e AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) e publicada pelo jornal Metrô News no dia 31/08/1989. Citamos algumas questões relatadas na carta:

“[...] o trabalho ecológico que vem sendo desenvolvido dentro do Movimento Anarquista, está sendo feito pela UGT (União Geral dos Trabalhadores), federação paulista da COB (Confederação Operária Brasileira), secção brasileira da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) com sede na Alemanha; através da Comissão de Defesa Ecológica, Cultural e Social, que busca a emancipação total de todas as formas – política, econômica e religiosa de exploração e escravidão.

¹⁸¹ Idem. Ibidem.

E o trabalho desenvolvido no CCS (Centro de Cultura Social) do Sr. Jaime Cuberos, não tem identidade nenhuma com este tipo de trabalho, ou mesmo com relação a UGT-SP, a COB ou mesmo a AIT. [...] Quanto ao movimento PUNK, nós da UGT-SP e da COB temos a dizer o seguinte: trabalhamos com os indivíduos PUNKS que tem afinidades com os ideais anarquistas. Anarquistas e PUNKS formam movimentos distintos, que se unem em pontos de afinidades ideológicas e práticas”.¹⁸²

Essas duas reportagens do jornal Metrô News nos fornecem algumas pistas sobre as idéias e práticas anarquistas no Brasil e suas relações com o movimento punk. Protestos e manifestações públicas contra o Estado, os governos, as explosões nucleares e o voto nulo, são práticas e experiências que aproximam os punks paulistanos das lutas anarquistas.

Diferente de uma atuação mais prática e contestadora do início do século XX, os anarquistas da COB tentavam na década de 1980, reestruturar suas bases de luta sindical e operária em São Paulo tendo uma atuação mais doutrinária, com pouca representatividade. Dessa forma irão tecer críticas à postura do CCS que atuava no sentido de atrair novos adeptos para o ideal anarquista. A divergência, segundo Antonio Carlos, “teve início em uma assembléia (1986) entre punks, estudantes e representantes da COB e CCS. Como muitos estudantes e punks não trabalhavam, então não serviam para os ideais de luta operária da COB, não

¹⁸² Jornal Metrô News – Matéria intitulada “Anarquismo” – São Paulo, 31 de Agosto de 1989.

podendo ser filiados a sua agremiação”.¹⁸³ No entanto, a parcela dos punks que se identificavam com as idéias anarquistas, atuavam tanto com os anarquistas da UGT-SP e da COB, quanto com os do CCS. Apesar dos movimentos terem suas especificidades, o que une uma grande parte dos punks paulistanos aos movimentos anarquistas são as afinidades práticas e anárquicas de protesto e contestação a toda forma de poder, injustiças sociais e repressão às liberdades.

A experiência anarquista punk está permeada pela leitura de resenhas de livros anarquistas, como relata Antonio Carlos: “se eu não tivesse participado - do movimento punk - eu não tinha lido é... resenhas dos livros que eu li, por exemplo, é... resenha do livro ‘O que é anarquia’ n/é, que na época era o livro que todo mundo lia”.¹⁸⁴ Na medida em que o movimento punk era difundido na cidade de São Paulo, o anarquismo acompanhava essa difusão. Era a vertente politizada do movimento que montava bandas punks – *Inocentes*, *Olho Seco*, entre outras, produzia fanzines – *Anti-Sistema*, *Lixo Cultural*, entre outros - e participava das manifestações políticas de protestos contra o serviço militar, as armas nucleares, o imperialismo, o desemprego e a exclusão social.

¹⁸³ Depoimento de Antonio Carlos, não gravado ao autor, no dia 25/07/2007.

¹⁸⁴ Entrevista concedida ao autor por Antonio Carlos em 20/07/2006.

A anarquia no movimento punk também é relatada por Marcos Falcão da banda punk “*Excomungados*” em palestra proferida no “Centro de Cultura Social” (CCS):

“... sobre a anarquia, a banda Sex Pistols gravou o histórico ‘Never Mind the Bollocks, here’s The Sex Pistols’, gravaram uma música chamada ‘Anarquia no Reino Unido’. Essa música é muito importante em termos de formação da mentalidade punk. Quando um garoto escuta essa música, se tiver um pouco de curiosidade, primeiro vai querer saber o que significa anarquia vai procurar com alguém. Vão explicar, ou ele vai procurar o significado da palavra, que é ausência de governo, de liderança que direciona as pessoas. Depois procura saber o que é UK, descobre que é Reino Unido; aí começa a pensar ‘Anarquia no Reino Unido, isso é na Inglaterra’, começa a ter uma visão política da coisa. Se a Inglaterra é um país imperialista, que domina outros países do mundo através da exploração econômica e militar, outros punks vão surgir em outras regiões querendo fazer anarquia no Reino Unido, esse se tornará inimigo comum dos punks e foi nesse ponto que disse que o punk carrega a anarquia dentro dele, onde estiver indo estará levando a anarquia. [...] Antes de 77, punk era prostituta, trombadinhas, cheirador de cola, mendigos, aleijados; a partir de 77, esse pessoal que estava sendo marginalizado e querendo mudar a situação se uniu em torno desse movimento que se espalhou pelo mundo.[...] Os punks também estão na anarquia, porém não tem a base que tem um anarquista com 40 anos de trabalho”.¹⁸⁵

Para Falcão, que era integrante de uma banda punk na época que proferiu a palestra, as idéias anarquistas estão presentes no movimento punk desde a

¹⁸⁵ Fala de “Falcão”(Banda Excomungados).Transcrição de palestra proferida em dez. de 1987 no Centro de Cultura Social (CCS-organização anarquista). Também participaram da mesa: “Gurgel” do Núcleo de Consciência Punk, “Carlão”, editor dos fanzines Anti-Sistema e Aborto Imediato, “Carlo Aldeghieri”, ex combatente da Revolução Espanhola e sobrevivente de um campo de extermínio na Alemanha e “Jaime Cubero” então secretário da CCS. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

Inglaterra, atribuindo à Banda “*Sex Pistols*”¹⁸⁶ um papel importante na tarefa de divulgação inicial da idéia de anarquia. O comportamento da banda e suas letras, que proclamavam a destruição do sistema político, econômico, social e cultural na Inglaterra e a luta contra o imperialismo, atraía cada vez mais adeptos para o movimento punk.

E a juventude do Brasil que, por volta de 1977/78, foi tomando contato com o movimento punk, também foi assimilando esse ideal político da anarquia, principalmente os jovens pobres, moradores dos bairros distantes do centro da cidade de São Paulo, filhos de operários, que estavam sentindo na pele os resquícios de uma malfadada ditadura militar, com o fantasma da repressão, da crise econômica e do desemprego rondando sua porta. “A gente vivia numa ditadura pura, a gente não podia se agrupar em 3 ou 4 pessoas que a gente era parado pela polícia”.¹⁸⁷ É “esse pessoal que estava sendo marginalizado e querendo mudar a situação”¹⁸⁸ que se uniu em torno do movimento punk em São Paulo. “Tudo o que um punk quer é ser livre das garras do capitalismo, livre dos conceitos pré-determinados e livre das regras e das autoridades” diz o punk Sérgio Ricardo

¹⁸⁶ “*Sex Pistols*”(1977/78), uma das primeiras bandas punks inglesa e uma das responsáveis pela explosão punk musical pelo mundo.

¹⁸⁷ Vídeo documentário – “Botinadas – a origem do punk no Brasil” de Gastão Moreira. Depoimento de “Tina”-Punk SP, 2006.

¹⁸⁸ Entrevista concedida ao autor por Antonio Carlos de Oliveira em 20/07/2006.

Esteves em entrevista ao jornal “Metrô News”,¹⁸⁹ Sérgio conclui dizendo acreditar que a sociedade ideal é a anarquista.

De início a experiência punk anarquista no Brasil tem uma conotação musical, “o punk ele não veio só como uma maneira de protesto contra um sistema e sim um protesto contra a música, pra mudar porque depois do punk rock a música mudou completamente”.¹⁹⁰ A disseminação da música punk em São Paulo é atribuída principalmente à “Revista Pop” que, em 1977, publicou uma matéria intitulada “A Revista Pop apresenta o punk rock”. Orlando Saltini, um punk da época, diz: “o primeiro som que eu ouvi assim, categorizado com punk foi em um LP da Revista Pop. É bom lembrar que punk já existia na época do Iggy Pop, MC5 e essas coisas”.¹⁹¹ O punk rock também era divulgado no programa da “Rádio Excelsior”, em 1979, e o locutor do programa, conhecido como Kid Vinil, trazia as novidades das bandas punks do exterior. Mao (ex-integrante da banda *Garotos Podres*) relata: “Tinha um colega meu, esse colega meu, que na época, o programa acho que era de quarta-feira à noite, o cara pulava o muro da escola pra ir pra casa

¹⁸⁹ Jornal Metrô News – São Paulo, 21 de Agosto de 1989. Caderno de Política – Matéria intitulada: “Se há governo eles são contra” – fazem uma discussão sobre os velhos anarquistas (Afonso Schmidt e Edgard Leuenroth) e os novos anarquistas punks. Por ser distribuído gratuitamente no metrô da cidade paulistana, atingindo públicos diversos, não consideramos esse jornal enquanto grande imprensa.

¹⁹⁰ Vídeo documentário “Botinadas – a origem do movimento punk no Brasil”, 2006 – Depoimento de Pierre da banda punk “Cólera”.

¹⁹¹ Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006. “Iggy Pop” e “MC5” eram bandas consideradas punks, por muitos, antes de 1977.

gravar o programa do Kid Vinil”.¹⁹² Esse material gravado “era a principal fonte de informação que a gente tinha, tanto é que o pessoal gravava e trocava fita, um emprestava fita pro outro, fita do Kid Vinil”.¹⁹³ Juntamente com os LPs que, na maioria das vezes, “você não tinha dinheiro pra comprar o vinil, mas a fita K7 você tinha e muitas vezes alguém comprava ou conseguia algum vinil e todo mundo gravava o vinil do cara”.¹⁹⁴ Com essas fitas gravadas e os poucos LPs conseguidos aconteciam os sons punks em alguns salões da cidade de São Paulo, como o “Construção” (1977/78) na “Sociedade Amigos de Bairro da Vila Masei” e o Templo (1981/82) “Associação de Surdos e Mudos”, e em outros pontos da cidade. Nos sons, os punks se encontravam e trocavam experiências, foram espaços de sociabilidade, que permitiram a formação das primeiras bandas punks e os primeiros fanzines na cidade de São Paulo. E foi dessa forma que a idéia de anarquia foi sendo paulatinamente disseminada no movimento punk com a proposta do “faça você mesmo” (Do it yourself), faça o seu fanzine, monte sua banda, se autogoverne, destrua o sistema. Essas redes improvisadas de comunicação foram estratégias de lutas e resistências dos punks na cidade.

¹⁹² Trecho extraído de palestra de Mao feita em 09 de dez. 2002 no núcleo de Estudos do Cotidiano e da Cultura Urbana, da PUC-SP. In Sociabilidade juvenil e cultura urbana. Orgs. Marcia Regina da Costa e Elizabeth Murilho da Silva. São Paulo: Educ, 2006. p. 25.

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ Ibidem. p. 26.

Sobre essa temática citarei na íntegra um trecho da entrevista concedida por Antonio Carlos de Oliveira:

“Tem uma palestra ali que uma vez em..., acho que foi a primeira vez que eu falei no Centro de Cultura, eu falei para o público, me convidaram, esse cara, o Gurgel me indicou para fazer parte de uma mesa para discutir o movimento punk e anarquismo, aí eu pô, vinte anos de idade, no auge de minha ignorância, da minha arrogância, eu chego no Centro de Cultura, sento, aí chega um velhinho todo curvado, cara, era o Aldegheri, senta do meu lado, tava bem cedo e ele pergunta assim: ‘é, mas o que vocês querem?!’ Há, a gente quer destruir o sistema. ‘Há, ta bom, destruir o sistema é fácil, e o que vocês vão fazer depois que vocês destruírem o sistema?!’ Acabou, meu amigo, acabou, acabou, não tem resposta nenhuma pra dar, você começa a gaguejar, falar um monte de abobrinha, mas consistência nenhuma, nenhuma, falando de 1985, e essa época eu já tinha escrito acho que dois ou três exemplares do fanzine chamado ‘Anti-Sistema’, então eu não era uma pessoa tão sem informação assim, recebia correspondência de vários lugares do Brasil, de vários lugares do mundo, então eu não era uma pessoa tão desinformada”.¹⁹⁵

A palestra a que se refere Antonio Carlos ocorreu em dezembro de 1987, no Centro de Cultura Social (CCS: uma associação de orientação anarquista fundada na primeira metade do século XX), durante o ciclo “Cultura, Contra Cultura e Cultura Alternativa”, onde o tema da palestra era “O movimento punk”. Nesse depoimento, Antonio Carlos expressa a idéia de imediatismo e imaturidade dos jovens punks em relação à compreensão e dimensão da proposta anarquista. A pergunta de Carlo Aldeghieri, anarquista, ex-combatente da “Revolução

¹⁹⁵ Entrevista concedida ao autor por Antonio Carlos de Oliveira em 20/07/2006.

Espanhola” e sobrevivente de um campo de extermínio na Alemanha nazista sobre o que fazer depois de destruir o sistema, deixou o entrevistado sem resposta. De um lado o jovem anarquista com um ideal, de outro o velho anarquista com uma indagação de ação prática: o que fazer depois que destruir?

No entanto, esse contato entre “velhos” militantes anarquistas e os punks é de fundamental importância para despertar reflexões e análises sobre a atuação prática e política do movimento punk. Essa convivência propicia a percepção da existência de contradições no interior do movimento. Antonio Carlos recorda-se de outra pergunta feita por Aldeghieri nos seguintes termos:

“[...] ‘você não acha que o símbolo que você usa ao invés de você contestar você fortalece porque o usa e o reproduz? [...] Você não é contra o sistema, contra as forças armadas, contra não sei o que, como é que você usa um símbolo que você tanto critica, você entendeu assim?’ Eu acho que esses primeiros anos eles são fundamentais porque sem eles não teria o resto, aí então, esses anos eles são os anos de gestação da cultura punk, não existe cultura punk no Brasil, se você pegar na década de 80, se a gente for analisar com seriedade mesmo, o rock na década de 80 é uma coisa de branco classe média, o punk é que transforma, o punk rock transforma o rock na década de 80 como algo periférico, porque até então não era, e eu vou dizer mais, periférico, mas majoritariamente branco, porque também não era com tanta presença de negro no movimento não, e predominantemente masculino, entendeu, então assim, no mínimo essas coisas têm que demonstrar que, se a gente era anarquista, a gente era um anarquista muito ruim, porque não conseguia perceber essa contradição gritante que existia dentro do próprio movimento”.¹⁹⁶

As discussões acerca das contradições em relação à postura anarquista dos punks foram avaliadas pelo integrante do movimento como fundamentais para “a gestação da cultura punk.” Outro aspecto importante apontado foi o papel desempenhado pelo “punk rock” que permitiu aos jovens dos bairros distantes do centro da cidade tocarem e experienciarem o rock, montando suas próprias bandas sem recursos e/ou sem saber tocar. Segundo o depoente, essa inclusão, porém, era parcial, majoritariamente branca e masculina, contradição não percebida no movimento punk.

Quando perguntado a Antonio Carlos sobre a sua trajetória do movimento punk para o anarquista que ele é hoje, obtivemos as seguintes indagações:

“Contribuí, é lógico, se eu não tivesse participado eu não tinha lido é, resenhas dos livros que eu li, por exemplo, é... resenha do livro ‘O que é anarquismo’ n/é? Que na época era o livro que todo mundo lia, então se você não tivesse lido a resenha ali, você não ia saber que aquilo existia. [...] Quando você entra em contato com o movimento anarquista organizado você vê que tudo que você leu é insignificante diante daquilo que é o movimento anarquista, é que a sua leitura é muito limitada, a sua concepção de história, de mundo, de pessoa é muito limitada, aí quando você entra em contato com eles aí o seu universo se abre, no Centro de Cultura social em 1985, tinha ex-combatente o Aldegheri, o cara era um italiano, que luta contra o fascismo, vai preso, para o campo de Aushwitz, sobrevive porque é um bom sapateiro, foge, volta para ajudar libertar seus amigos [...] Vai preso na Guerra Civil Espanhola [...] ele foge para a França e vai parar na Alemanha. Agora você imagina, sentar com um maluco desse e trocar idéias, você está trocando idéias com a história viva, n/é cara, não é o que você leu. [...] O Pedro Rueda, o cara foi tenente ou capitão

¹⁹⁶ Idem. Ibidem.

durante a Guerra Civil Espanhola, [...] todos homens com mais de 60/70 anos de idade, a experiência que eles te colocam naquele momento , pô bicho, não tem curso de história que te dê isso [...], porque ali, o que acontecia, todo sábado você tinha uma palestra diferente, então eu assisti [...] Maurício Tratemberg quando ele ainda tinha cabelo comprido. [...] Você pegar um cara com vinte e poucos anos de idade com possibilidade de convivência cultural dessa, porra, potencializa pra caramba aquilo que você pode aprender, que o movimento punk jamais poderia me dar, jamais, mas ele foi a ponte pra isso. [...] Isso é uma coisa que eu acho que vai levar alguns anos para poder sentar, digerir e entender essa relação inicial entre o movimento punk e anarquista. É uma relação extremamente rica, extremamente confusa e contraditória”.¹⁹⁷

O movimento punk influenciou o jovem Antonio Carlos a buscar leituras e informações sobre o movimento anarquista e sobre o próprio significado da anarquia, como todos os punks da época, que tinham interesse pelo anarquismo, o primeiro passo eram leituras de resenhas de livros sobre o tema, entre eles “O que é anarquismo”.¹⁹⁸ Essa identificação com a temática anarquista permitirá a aproximação e o contato do movimento punk com o movimento anarquista, ampliando o universo de concepções de vida, de história e de sociedade para os jovens punks. Isso, segundo Antonio Carlos, devido às atividades culturais propiciadas pelo Centro de Cultura Social (CCS), onde a “possibilidade de convivência cultural” e troca de experiências dos anarquistas com os punks foram fatores preponderantes para o aprimoramento e busca de entendimento do que seria um punk anarquista. Para Antonio Carlos, o movimento punk propiciou para que

¹⁹⁷ Idem. Ibidem.

tudo isso acontecesse e para que ele percebesse que a relação, entre punk e anarquismo, é confusa e contraditória.

As ligações e contatos dos punks com o Centro de Cultura Social são atribuídas ao punk Gurgel, do Núcleo de Consciência Punk, que também atuava no CCS desde sua refundação, em 1985, ao Antonio Carlos, e ao próprio projeto e proposta do CCS, de somar, aglutinar e atrair os jovens para o ideal anarquista. Essas ligações e contatos foram também registrados em jornais como o “Diário Popular”¹⁹⁹ no qual aparece o depoimento de Jaime Cubero, ex-sapateiro e ex-jornalista, “um velho militante do anarquismo do Brás, secretário do Centro de Cultura Social (uma reminiscência do forte movimento anarquista que o bairro viveu no início do século XX)”,²⁰⁰ Jaime afirma que “alguns punks podem ser os futuros anarquistas” e durante os seminários e cursos do centro, “Cubero vê um potencial muito grande nos punks que não é compreendido ou bem canalizado”.

De acordo com Antonio Carlos, que também era punk e atuava no CCS, o Gurgel tinha a função de atrair, trazer os punks simpatizantes do anarquismo para o Centro de Cultura Social. Gurgel também fundou o Núcleo de Consciência Punk (NCP) no Itaim Paulista, Zona Leste da cidade. Através do núcleo ele recebia e

¹⁹⁸ COSTA, Caio Túlio. O que é anarquismo. São Paulo. Ed. Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

¹⁹⁹ Jornal “Diário Popular” – p.6 – Política – Matéria: Anarquistas comemoram os 30% de votos nulos – São Paulo, 30/12/1986.

²⁰⁰ Idem. Ibidem.

respondia cartas de punks de diversas regiões do Brasil e do mundo, sempre preocupado com a temática da atuação anarquista do movimento punk.

Numa reportagem publicada pelo “Jornal do Brasil” em 07/12/1987, escrita pelo jornalista Fernando Granato e intitulada: “Anarquistas e ‘punks’ reúnem-se contra imperialismo em São Paulo – de gerações diferentes, velhos anarquistas e jovens punks encontram afinidades”,²⁰¹ aparece um tipo de argumento que era comum a anarquistas e integrantes do movimento punk:

“Aparentemente de gerações tão distintas, Carlo Aldegheri, 85 anos, sapateiro aposentado e anarquista convicto, e Marcos Falcão, 23, estudante de história da USP (Universidade de São Paulo) e participante do movimento punk (uma legião de jovens da periferia de São Paulo), têm um interesse em comum: ambos se dizem ‘contra o imperialismo burguês’. Essa afinidade foi suficiente para que arrastassem grupos de adeptos para lotar, no fim de semana, o pequeno auditório do Centro de Cultura Social (CCS) – uma associação cultural anarquista localizada no bairro do Brás, onde no início do século se concentravam os militantes do anarquismo de São Paulo.

‘Temos a cabeça erguida contra o sistema capitalista’, afirmou Carlo, que revelou ter lutado pessoalmente ‘contra o imperialismo, em 1936, na guerra civil espanhola’, do lado republicano contra as tropas de Francisco Franco. Sentados a uma mesa diante de uma parede onde se destacava os símbolos punk e a conhecida frase em espanhol ‘hay gobierno soy contra’, os velhos anarquistas herdeiros do movimento e os jovens punks dos anos 80 produziram cinco horas de debates para atentas 50 pessoas”.²⁰²

²⁰¹ “Jornal do Brasil” – 1º caderno – 07/12/87.

²⁰² Idem. Ibidem.

O posicionamento comum de serem “contra o imperialismo burguês” permitiu uma aproximação e um convívio de troca de experiências entre velhos anarquistas e jovens punks. Nesse sentido, destacamos a prática do Centro de Cultura Social de realizar atividades culturais como forma de divulgar as idéias anarquistas através de suas próprias práticas. Além de Marcos Falcão e Carlo Aldeghieri, também participaram da mesa dessa palestra com o tema: “Movimento Punk”, nas atividades do ciclo – “Cultura, Contra Cultura e Cultura Alternativa” do Centro de Cultura Social (CCS), o Gurgel do “Núcleo de Consciência Punk”, do Itaim Paulista (Zona Leste de São Paulo), Antonio Carlos editor dos fanzines “Anti-Sistema” e “Aborto Imediato para o Renascer de Um Novo Espermatozóide”, de São Mateus, também na Zona Leste e Jaime Cubero, secretário do Centro de Cultura Social.²⁰³

Nessa palestra, Marcos falcão inicia falando dos aspectos gerais do movimento “que é internacional, existem jovens e bandas de comportamento punk em todas as regiões industrializadas”, e segue fazendo referência à deflagração do movimento na cidade de São Paulo e de como os jovens dos bairros afastados do centro da cidade paulistana, paulatinamente, foram se envolvendo com o movimento, da repressão policial, da participação das “punkas” no movimento, que são em número menor que os punks, mas que “a garotada trata muito bem as

²⁰³ A transcrição dessa palestra esta disponível no CEDIC/PUC-SP.

garotas sempre de uma forma aberta e sem frescura”, fala também das rivalidades entre as gangues e que no mundo todo os jovens punks trocam cartas uns com os outros.

Em seguida Antonio Carlos fala do sensacionalismo que a “imprensa burguesa” faz sobre a violência no movimento punk, e diz que “o fato de termos pessoas dentro dessa sala ouvindo os punks já é um grande avanço, porque quando o movimento surgiu durante muitos anos foi marginalizado por todos; é um movimento de contracultura” de jovens contestando a sociedade. Aldeghieri faz a seguinte colocação: “meu ponto de vista sobre os punks, a burguesia pode viver mil anos ainda que vocês não vão resolver o problema dessa sociedade podre. Resolve o problema social quem tem uma organização [...] e se necessário alguma vez violência”.

Jaime Cubero, na palestra, fala da imaturidade e da importância das manifestações punks e critica as rivalidades dentro do movimento e Marcos Falcão responde que “os punks surgiram dentro da idéia da anarquia, porém sem a base histórica dos anarquistas que atravessam o século XX e participam de revoluções e lutas”. Praxedes, um punk da platéia, diz que “os punks têm uma forma de organização que são as bandas, a música serve como ponto de encontro, se trocam idéias, etc. As gangues são formas de autodefesa, porém falta essa base, falta na

teoria e organização” e Antonio Carlos conclui que “falta direcionamento, mas ninguém vai direcionar, que porra somos nós? Vamos dirigir a coisa? Tem que surgir espontaneamente, não de um ou outro indivíduo, ou grupo que vai fazer esse tipo de coisa”.

Essa palestra expressa uma preocupação premente, tanto dos “velhos anarquistas” quanto dos punks, em compreender o comportamento, as ações e atitudes do movimento punk e suas contradições externas e internas na tentativa de experiências e práticas anarquistas. Portanto, o fato dos punks participarem de eventos políticos com Jaime Cubero e com ex-combatentes da Revolução Espanhola em uma palestra significa a produção de espaços de luta e resistência política. Numa postura de somar e integrar experiências de práticas e vivências anarquistas no decorrer da história.

Apesar das contradições, o anarquismo integra o movimento punk na perspectiva de uma teoria que atenda suas expectativas práticas de alterações substanciais nas estruturas políticas, econômicas e sociais da sociedade vigente. Nesse sentido, faz-se necessário apontarmos e discutirmos um pouco do que se convencionou chamar de anarquia, tanto no movimento punk, quanto nos usos e origens da palavra.

Em documento escrito pelo “movimento punk do subúrbio” analisamos algumas reflexões sobre o significado da anarquia para os punks:

“Não precisamos de ninguém para governar nossas mentes, sabe o que isso significa? ‘Anarquia’; as correntes de pensamento do século passado de rebeldia e luta contra as forças repressoras do império, na antiga Grécia surge a palavra ‘anarchos’ que significaria – desordem na falta de um governo ou quando não existe a necessidade dele, sem governo, sem autoridade, sem superiores”.²⁰⁴

O conceito de anarquia aqui é resgatado da Grécia Antiga, demonstrando que havia uma preocupação premente de uma ala mais politizada do movimento punk – os que escreviam fanzines, tocavam em bandas e participavam de passeatas e protestos - em aprofundar os estudos sobre o anarquismo. Orlando Saltini chegou a afirmar que “Sócrates (o filósofo grego) era punk, porque ele pregava a liberdade”.²⁰⁵ O conceito de anarquia foi generalizado para abranger toda a resistência à tirania e luta pela liberdade.

O anarquista Edgar Leuenroth, que teve atuação marcante, no início do século XX, nos movimentos operários do Brasil, contava uma história interessante sobre como surgiu a palavra anarquia:

²⁰⁴ Manifesto do Movimento Punk do Subúrbio, 1989. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

²⁰⁵ Entrevista concedida por Orlando Saltini em agosto de 2006, ele curtiu punk desde a década de 70 e continua curtindo até hoje. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

“Na Grécia, por volta de 478 a.c., existiu, em Tebas, certo tipo que, dispondo de poder, viveu a escravizar o povo e a praticar barbaridades. Contra suas brutalidades formou-se um movimento de protesto. Arquias era o nome desse tirano. An-Arquias eram designados aqueles que contra ele reagiam. O tirano sucumbiu assassinado em meio às orgias de um festim. Contra os Arquias de hoje continuam combatendo os anarquistas”.²⁰⁶

De acordo com Leuenrotth e Saltini a idéia de liberdade e resistência à tirania prevalece desde a Grécia antiga com os tebanos e Sócrates, até a contemporaneidade com os anarquistas clássicos (séc. XIX e XX) e os novos anarquistas, entre eles, membros do movimento punk. O informativo a seguir ilustra os ideais anarquistas no movimento punk:

“Os punks tem como ideologia de vida a anarquia, que não é bagunça nem confusão. Anarquia é liberdade de ação e expressão consciente, anarquia é negação ao princípio de governo, autoridade e patrão, é o auto-governo consciente de cada cidadão para formar uma comunidade digna e honesta”.²⁰⁷

Em entrevista para a revista “Planeta”, Clemente, integrante da banda punk “*Inocentes*”, diz por que os punks se declaram anarquistas: “Nós rejeitamos o Estado. O Estado é o maior inimigo do homem. E onde há autoridade, não há liberdade. Nós queremos uma sociedade sem Estado, sem líderes. A autogestão é

²⁰⁶ Revista Planeta – nº 126 – Março de 1983.

²⁰⁷ “Informativo de conscientização”. Sem autoria, 1988. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

possível, então vamos nos autogerir”.²⁰⁸ Em outra edição da revista “Planeta” o redator Carlos Tavares escreve que “o que une os anarquistas é o ódio ao Estado enquanto máquina de opressão e de exploração do homem pelo homem”.²⁰⁹

Em documento intitulado “A.B.C. da anarquia”, datado de 1989, são apresentadas, em ordem alfabética, uma série de expressões com seus respectivos significados dentro do pensamento anarquista.

“Anarquia: talvez seja uma utopia, mas não paramos de lutar pela sua instalação.

Biko: líder negro do Apartheid.

Capitalistas: raça podre que predomina no Brasil. Um bando de culhões.

Divida externa: sua autoria é de porcos governantes.

Enganadores: homens que estão no poder e que se dizem amigos da população.

Fascismo: sistema político nacionalista antiliberal, imperialista e antidemocrático.

Guerra: procedente de ambição dos homens. Por causa dela, milhares morrem, apenas para deixar alguns líderes felizes.

Hitler: O maior filho da puta que a terra já teve notícia. Foi o culpado pela 2ª guerra e matou milhares com seu exército. O senhor do nazismo e, segundo Nostradamus, o segundo anti-cristo.

Igreja: instituição podre que finge ser carente e suga até o último tostão dos que nela crêem.

Jovens: pessoas que podem (se começarem a agir) mudar a situação caótica em que o país se encontra.

Karl Marx: autor de teorias do socialismo.

Liberdade: coisa que não tem preço e alguns tiranos tentam tomar-nos a todo instante (se é que já não tomaram).

²⁰⁸ Revista Planeta – nº 128, maio de 1983.

²⁰⁹ Idem – nº 126 – março de 1983.

Militares: em geral uma raça de porcos, fascistas, escória humana que tem sede de sangue, violência e poder. ‘Porem há suas exceções’.

Natureza: coisa belíssima, escassa no mundo de hoje.

Opressão: tirania exercida contra outras pessoas, antítese de anarquia.

Paz: algo pelo que se luta. Se você quiser saber melhor , ouça o LP ‘Pela paz em todo o mundo’, do ‘Cólera’.

Revolta: sentimento que temos quando abrimos os olhos e vemos o que fizeram com as nossas vidas.

Sex Pistols: autores da canção ‘Anarchy in the UK’. Considerado o principal conjunto a dar iniciativa à explosão punk.

T.V.: 90% da programação é pura lavagem cerebral. Evite: novelas, seriados americanos e os jaspions da vida.

Usina Nuclear: uma passagem para o inferno.

Xacota: define o governo do domínio Zé Sarney.’²¹⁰

A idéia de vitalidade e potencial revolucionário dos jovens é expressada, no sentido de colocar em prática os ideais anarquistas de luta contra a opressão e as formas de tirania que ameaçam algo que para os anarquistas não tem preço: a liberdade. Como diz Orlando Saltini, “[...] é você expressar o que você quer a qualquer hora, sem nenhum tipo de censura”.²¹¹

Manifestos e informativos eram distribuídos nos pontos de encontro e nos eventos musicais, muitos também eram publicados em fanzines punks. Esses documentos eram fundamentais para a sobrevivência do movimento, pois

²¹⁰ “A.B.C. da anarquia”. Sem autores, 1989. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

²¹¹ Entrevista concedida ao autor por Orlando Saltini em 19/08/2006.

apresentavam uma variedade de temas e suas definições de acordo com o ponto de vista do punk, apresentando uma proposta de unidade de posturas e discursos no seio do movimento. As temáticas abordadas pelos punks eram preocupações vivenciadas por eles no decorrer dos anos 80, a questão nuclear, o apartheid na África do Sul, a dívida externa brasileira, a postura da igreja, dos governantes, o dilema juvenil e a luta pela utopia anarquista (se há luta é porque acreditam na possibilidade), entre outras questões apontadas no “A.B.C. da anarquia”. Essas questões faziam parte de um presente doloroso e perverso, que deveria ser interrompido e transformado principalmente pelos jovens, “pessoas que podem mudar a situação caótica em que se encontra o país”.

No Fanzine do “Movimento SP Punk”, continuam contestando todas as formas de totalitarismos, assumindo uma postura teórica: “Nós punks negamos o nazismo, o neo-nazismo e qualquer outro tipo de tendência fascista, pelo simples fato de sermos anarquistas”.²¹²

A década de 1980 marcou o movimento punk, pois foi nesse período que se intensificou uma busca de referências identitárias, onde a experiência e a vivência dos sujeitos sociais ajudaram a forjar o ideal e uma base teórica anarquista. Nesse processo, as concepções de música, de política, de cultura e do social, foram se

²¹² Manifesto “Ação e Anarquia” – Movimento SP Punk (sem autoria) – 1º de maio, 1990. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

afirmando em uma idéia de movimento que se expressava em suas manifestações e representações tanto do passado, quanto do presente e do futuro. O movimento punk então começa a consolidar uma atitude de luta política contra o inimigo declarado que era o sistema capitalista, o governo e toda forma de repressão às liberdades individuais e coletivas.

O ideal político punk irá permear todas suas ações, tanto na organização das bandas punks e seus eventos musicais, quanto no seu visual e comportamento. No entanto, será nos fanzines que poderemos identificar essa preocupação com a informação e organização dos punks, numa busca de mobilização em torno de ações concretas amparadas pela idéia de anarquismo, como podemos observar nesse texto extraído do fanzine punk intitulado “Lixo Cultural”:

“[...] Quando se fala de ideologia já se pensa em termos políticos, quando se rotula direita, esquerda, centro, centro-esquerda, centro-direita, uma posição mais ou menos clara [...] enquanto que o PUNK prima por ficar fora de qualquer rótulo que não serve pra gente, a hierarquia é sempre organizada de cima pra baixo, e a gente fica embaixo [...] nós rejeitamos qualquer forma de autoridade [...] o princípio de anarquia é uma coisa bem velha, que a gente tá tentando reviver...ausência absoluta de líderes, de autoridade, de policiamento, de governo, seja de direita, esquerda, centro, de onde vier, nenhuma política serve pra gente, cada um pode pensar pela sua própria cabeça e se responsabilizar pelos seus atos, qualquer pessoa consciente é capaz de fazer isso, não precisa nem ser PUNK [...] qualquer ordem dada não será obedecida, venha de onde vier, da sociedade, da família, cada ser humano tem ou deve ter autonomia suficiente[...]”.²¹³

²¹³ Fanzine “Lixo Cultural”, junho de 1983.

Há uma contradição no texto quando se refere à anarquia enquanto movimento apolítico, sugerindo que os problemas de autoridade, de hierarquia e rotulações estão relacionados à política. Em 1983 (ano de produção do referido fanzine) vínhamos de um período de sucessivos governos militares, impondo um regime político autoritário e repressivo, e esses jovens punks, marcados pela ditadura, ansiavam por liberdade nos âmbitos político, social e cultural.

Os Punks também não consideram o movimento como algo localizado ou nacionalista. O movimento é internacionalista, havendo um intenso intercâmbio entre punks de todo o mundo através de cartas e, principalmente, de fanzines, meio de comunicação por excelência do movimento punk no mundo inteiro, devido à sua praticidade.

Em uma sessão de cartas enviadas por leitores, intitulada “A cidade é sua” do jornal “Folha da Tarde”, a leitora Cecília de Mendonça Goda reclama da falta de notícias na imprensa sobre a passeata que o movimento punk fez no dia 07 de setembro na praça da Sé, no centro de São Paulo, e que foi duramente reprimida pela polícia. Cecília afirma que:

“Fizemos uma passeata totalmente pacífica saindo da praça da Sé e fomos reprimidos a cacetadas quando atravessamos o viaduto do Chá. Encontraríamos outros punks na estação Armênia do metrô na zona norte,

mas eles foram presos quando desceram do trem. Estávamos desarmados e apanhamos, levamos cacetadas na cabeça, no pescoço, braços e pernas, como se estivéssemos nus. Fomos presos. Éramos cerca de cem punks, entre os quais havia menores, que foram igualmente agredidos como animais. Ficamos detidos nas delegacias de polícia de números um, dois e cinco”.²¹⁴

A prática de participação em passeatas sempre foi uma constante no movimento punk, bem como a truculência policial. Podemos constatar punks nos atos realizados por sindicatos no primeiro de maio (dia do trabalho), nos comícios pela realização das eleições diretas (Diretas já, 1984) e em protestos como o realizado (dia 06/08/1989) no Parque da Luz, lembrando as mortes causadas pela bomba atômica, lançada pelos norte-americanos em Hiroshima (Japão) e denunciando a corrida armamentista iniciada há cem anos pelas grandes potências mundiais. O protesto do Parque da Luz foi organizado por “cerca de 50 manifestantes de movimentos punks, unidos à Confederação Operária Brasileira (COB) e à Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), entidades de filosofia anarquista”.²¹⁵ A truculência policial está relacionada aos estereótipos e preconceitos veiculados na “grande imprensa e meios de massa”,²¹⁶ em que os punks eram expostos como vândalos, marginais e baderneiros.

²¹⁴ Jornal Folha da Tarde – década de 80. No documento do arquivo punk do CEDIC/PUC-SP, não foi possível localizar a data.

²¹⁵ Jornal Folha da Tarde – 07/08/1989.

²¹⁶ Nelson Werneck Sodré diz que os “meios de massa” são representados principalmente pela televisão que tem uma grande penetração, um grande alcance sobre a população. Enquanto que a “grande imprensa” é um meio de não uso

Observamos em quase todos os fanzines reflexões sobre os conceitos de anarquia, revolução, capitalismo, socialismo, onde leituras sobre o movimento anarquista e seus precursores eram primordiais para o ingresso e atuação no movimento punk. Neste sentido, Antonio Carlos de Oliveira em seu livro – “Os fanzines contam uma história sobre punks” – escreve que:

“Vários textos punks buscam mostrar ao brasileiro: ‘o que vem a ser anarquismo’. Entre esses há um texto no fanzine ‘Os Explorados’, de 15 páginas, com os seguintes subtítulos: ‘Antecedentes do Anarquismo’, ‘Godwin e os princípios de justiça política’, ‘A grande época revolucionária’ sobre a Revolução Francesa, ‘A Revolução Industrial’ que fala também de Marx e Proudhon, ‘Bakunin e a internacional’, ‘A propaganda pela ação’, em que é citado James Joll; ‘A Revolução Bolchevique e a Guerra Civil Espanhola’ e termina ‘A tradição anarquista continua a condimentar reações como a de Maio de 68 na França, bem como muitos agrupamentos pacíficos de contracultura’”.²¹⁷

A prática anarquista punk nos fanzines consistia em informar, divulgar e refletir sobre a anarquia, as revoluções e seus desdobramentos estabelecendo estratégias de lutas e mobilizações. Dessa forma, os fanzines contribuíam também para a formação intelectual dos punks, valorizando a informação enquanto método de enfrentamento contra a hegemonia cultural capitalista.

habitual em parcela numerosa de nosso povo. Nossas abordagens, sobre meios de comunicação, irão ao encontro dessas análises de Sodré. In: SODRÉ, História da imprensa no Brasil. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Mauad, 2007.

²¹⁷ OLIVEIRA, Antonio Carlos de. Os fanzines contam uma história sobre punks. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2006. p. 54.

No prólogo do livro – “História das idéias e movimentos anarquistas” – de George Woodcock, encontramos as seguintes reflexões: “Poucas doutrinas ou movimentos foram tão mal entendidos pela opinião pública e poucos deram tantos motivos para confusão pela própria variedade de formas de abordagens e ações”. Woodcock refere-se aqui à doutrina anarquista e segue dizendo que, “do ponto de vista histórico, o anarquismo é a doutrina que propõe uma crítica à sociedade vigente; uma visão da sociedade ideal do futuro e os meios de passar de uma para outra”.²¹⁸

Woodcock coloca, brevemente, reflexões sobre o anarquismo e apresenta análises de como o anarquismo foi mal interpretado pela opinião pública, a preocupação histórica do anarquismo com o homem e suas relações com a sociedade e, principalmente, o ponto em comum em quase todos os anarquistas que é a contestação à autoridade.

O movimento punk também se considerou mal interpretado pela grande imprensa e pelos meios de massa, como podemos observar na entrevista cedida por Hugo Von Drago ao fanzine “Lixo Cultural”:

“A bronca que o punk tem com a grande imprensa é o fato de passar uma idéia errada que tem uma grande penetração na massa. Não procuram se informar, ou quando tem a informação põe de lado, falam o que

²¹⁸ WOODCOCK, George. História das idéias e movimentos anarquistas – V.1: A idéia. Porto Alegre: L&PM, 2002.

querem, e estão a serviço de um sistema que não é muito simpático ao punk. (...) A maneira absurda factual que é passada na grande imprensa não contribuiu em nada para ajudar o punk, entre muitos garotos que vêem essa coisa, acham que o punk é violento, então ‘eu to reprimindo, vou ser punk’, bota uma jaqueta preta e sai por aí quebrando e a gente acaba levando a culpa. Quem está fora olhando o punk ou o suposto punk vai pensar uma outra coisa, e vira confusão total, aliás esse é o objetivo do sistema, quando surge uma coisa para contestar, é o que aconteceu com o movimento Hippie que o sistema incorporou, fez virar moda. Hoje você não se choca mais vendo um cara cabeludo na rua, gente nua, puxar fumo ta virando uma coisa comum, os Hippies faziam isso com uma certa intenção, mas a confusão foi tanta, o sistema jogou tanta informação, confundiu tudo, criaram uma imagem errada, e uma parte dela foi digerida pela sociedade e outra foi esquecida”.²¹⁹

Nesta entrevista, Hugo Von Drago trata a grande imprensa e os meios de massa como representantes e defensores do sistema capitalista, servindo-se de sua grande difusão sobre a população. “Os meios de comunicação são uma indústria (a indústria cultural) regida pelos imperativos do capital”.²²⁰ Os punks são contra o sistema, logo, a grande imprensa e os meios de massa serão contra o movimento punk e publicarão reportagens contra eles.

“Minha mãe acha que punk é bobagem. Bobagem pode ser para ela para mim não é”,²²¹ diz Érica, em carta encaminhada para o “Núcleo de Consciência Punk”. “Minha avó gostava de punk. [...] ela dizia: ‘os punks são legais, eles têm que protestar mesmo. Só não acho que podem quebrar as coisas’. Minha avó era meio

²¹⁹ Entrevista concedida por Hugo Von Drago, punk, 21 anos, ao fanzine “Lixo Cultural”, junho de 1983.

²²⁰ CHAUI, Marilena. Simulacro e poder. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 73.

anarquista”.²²² Estes depoimentos nos dão um pouco da dimensão da imagem que a sociedade tinha do movimento punk. A maior parte da população, que conhecia o movimento punk pela mídia, não via os punks com bons olhos. Para muitos tudo aquilo era uma “bobagem”, coisa da juventude e que logo vai passar.

Enquanto método de contestação social e protesto podemos citar o manifesto do movimento punk/alternativo intitulado – “Boicote às Multinacionais”, distribuído em encontros e eventos punks:

“Este manifesto se dirige à todos os punks, anarquistas e conscientes do BRASIL, já que devemos realmente partir para a prática e não ficar somente no papo, ou seja, na teoria.

Se trata de um apelo para um boicote às MULTINACIONAIS, às dispensáveis, ou seja, aquelas que não fazem falta, que podem ser substituídas. É claro que o ideal seria um boicote geral, a todas aquelas que nos prejudica, mas infelizmente não podemos fazer isto, pois parariamos de comer e andaríamos nus, já que quase tudo hoje em dia no BRASIL, ou vem de fora, ou é feito com capital estrangeiro.

Mas porquê esse boicote? Pelo simples fato de multinacionais como a COCA-COLA, HOLLYWOOD, SHELL, além de sugar o dinheiro e a matéria prima do BRASIL e muitas outras merdas mais. Há toda uma máfia por trás. Muitas coisas que um simples consumidor jamais imaginaria.

Para fazer, é simples, basta querer e ter força de vontade para, por exemplo, pedir um copo de suco ou água ao invés de uma COCA-COLA que ainda por cima estragará seu organismo, o exemplo serve às outras multas de diferentes formas. Sabemos que isso não iria solucionar o caso, mas serviria de exemplo para

²²¹ Carta enviada por Érica, Butantã/S.P., para o Núcleo de Consciência Punk, Itaim Paulista/S.P. (núcleo organizado por punks para difusão de seus ideais). Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

²²² Entrevista concedida por Orlando Saltini em 19/08/2006, ativista punk desde a década de 1970. Doc. disponível no CEDIC-PUC/SP.

outras pessoas verem que não aceitamos isso. Seria uma forma de rejeição e de protesto, do mesmo jeito que punks e alternativos na Europa, destroem postos de gasolinas da SHELL pelo mesmo motivo.

LEMBRE-SE: não adianta criticar o racismo e o imperialismo colaborando com o mesmo. Vamos provar que somos inteligentes e fortes. Se tudo isso não adiantou para convence-lo, pelo menos pense em quantos negros ou nicaraguenses você não ajuda a matar, comprando uma COCA-COLA ou um cigarro HOLLYWOOD”.²²³

O manifesto do M.P.A. invoca punks, anarquistas e conscientes a partirem para a prática, demonstrando que o movimento punk não é segregacionista e simplesmente teórico. Pregam um boicote a algumas empresas multinacionais, demonstram sua preocupação com o Brasil e com problemas relacionados ao “racismo na África do Sul” e “à miséria na América Latina”, apontando também para uma característica internacionalista do movimento punk.

Outros métodos de revolta social e protesto podem ser verificados no jornal “Folha de São Paulo” em reportagem intitulada – Punks pedem voto nulo - do jornalista Sérgio Tomisaki:

“Alguns membros da ‘Juventude Libertária’, movimento anarquista e ‘punk’, fizeram ontem um protesto em frente à Folha, defendendo o voto nulo nas eleições municipais de 15 de novembro. Os manifestantes

²²³ Manifesto M.P.A. (Movimento Punk/Alternativo). Sem autoria, nº 1, novembro de 1989 (Arquivo – CEDIC-PUC/SP).

protestaram contra a ‘sem-vergonhice dos partidos’ e também reclamaram da ‘imprensa burguesa’, que, segundo eles, não respeita o movimento anarquista”.²²⁴

O empenho e a defesa do voto nulo pelo movimento punk entoava o seguinte lema: “Vote nulo! Não sustente parasita. Povo organizado, não precisa de governo nem de estado”.²²⁵ O protesto punk pelo voto nulo também é mencionado na reportagem – “Anarquistas comemoram os 30% de votos nulos” – do caderno de política do jornal “Diário Popular”: “Se os 30% de votos brancos e nulos para o Congresso Constituinte assustaram os políticos e parte da sociedade civil, os anarquistas de São Paulo comemoram o possível protesto dos eleitores. (...) Os velhos militantes do socialismo libertário vêm nas bandas de rock e nos jovens punks os principais responsáveis pela revitalização do protesto político”.²²⁶

Outra questão importante de se observar são os protestos em conjunto entre o movimento punk e os movimentos anarquistas, como podemos assinalar nas reportagens do “Jornal do Brasil” – “Anarquistas e ‘punks’ reúnem-se contra imperialismo em São Paulo”²²⁷ – onde, o jornalista Fernando Granato, responsável pela matéria, aponta a luta contra o imperialismo burguês como um interesse

²²⁴ Jornal “Folha de São Paulo” – 09/10/1988.

²²⁵ Manifesto Alerta Brasil – autoria desconhecida (doc. disponibilizado no CEDIC-PUC/SP).

²²⁶ Jornal “Diário Popular” – Pág. 6 – Política – terça-feira, 30/12/1986.

²²⁷ “Jornal do Brasil” – Pág. 4, 1º caderno – segunda-feira, 07/12/87.

comum para punks e anarquistas. Nesse sentido, podemos citar também a reportagem intitulada: “Punks e anarquistas protestam contra o serviço militar” (Jornal do Estado)²²⁸. Os punks, nesta reportagem, denunciam a obrigatoriedade do serviço militar e também do voto nas eleições, protestando contra qualquer forma de autoridade e imposição, lembram também do papel dos militares durante o golpe militar de 1964.

Costa, em sua obra – “O que é anarquismo” – analisa as diversas correntes anarquistas do século XIX ao XX, nos trazendo a reflexão de que “não existe somente um anarquismo, abstrato e definido, conceitualmente manejável e concretamente perceptível. Existem vários anarquismos. A tentativa é detectá-los historicamente para compreendê-los um pouco antes que nos obriguem a esquecê-los”.²²⁹

Portanto, quando se trata de escolher uma teoria política, os punks são antes de tudo anarquistas. Existem poucos que promovem a continuidade de qualquer forma de capitalismo ou comunismo. Isso não quer dizer que todos os punks sejam versados em história e teoria do anarquismo, mas a maioria partilha da crença, formada em torno dos princípios anarquistas, de não ter governo oficial, ou governante, e de valorizar a liberdade e responsabilidade individual. Muitos punks

²²⁸ “Jornal do Estado”, 02/01/1989.

²²⁹ COSTA, Caio Túlio. O que é anarquismo. São Paulo, Ed. Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

se voltaram para o anarquismo como alternativa para os sistemas existentes no mundo; a natureza dos governos e hierarquias em geral envolve a opressão e a exploração das pessoas que vivem ou são afetadas por eles. Diferentemente de outras contraculturas juvenis ou burguesas, os punks anarquistas rejeitam o comunismo e a esquerda de governos democráticos tradicionais, assim como o capitalismo. Acreditam que reformas são outorgadas para apaziguar, e não para libertar as pessoas envolvidas.

O ideal de muitos punks de uma sociedade anarquista, onde não haja nenhum tipo de dominação e exploração, onde as pessoas possam existir numa vivência cooperativa, libertária e fraterna ainda persiste na postura e atitude de vários grupos denominados anarco-punks que continuam seu protesto nas ruas e praças da cidade de São Paulo.

FONTES:

I. Fanzines

- Alerta Brasil, 1989.
- Lixo Cultural, junho e outubro de 1983 e março de 1984-nº4.
- SP Punk, nº 2 - março/abril de 1983.
- VIX Punk - maio de 1982.
- Anti-Sistema – nº1. Julho de 1984.

II. Manifestos

- Manifesto Ação e Anarquia – Movimento SP Punk, 1º de Maio, 1990.
- Manifesto do MPA (Movimento Punk/Alternativo) nº 1. Novembro, 1989.
- Manifesto Alerta Brasil.
- Informativo de Conscientização, 1988.
- ABC da Anarquia, 1989.

III. Jornais

- O Estado de São Paulo, 05/05/1982.
- Folha de São Paulo, 15/07/1984 - 30/12/1986 - 09/10/1988 e 14/02/1998.

- Jornal do Brasil, p.4 - 1º caderno, 07/12/1987.
- Jornal do Estado, 02/01/1989.
- Folha da Tarde, 07/08/1989.
- Metrô News, 21/08/1989 e 31/08/1989.
- Diário Popular, p. 6 – 30/12/1986.

IV. Revistas

- Revista Kaprikórnio Vintetrês, 1985.
- Revista Planeta, números 126 – março e 128 – maio de 1983.
- Revista Visão, caderno comportamento – 24/01/1983.
- Revista Pop, 1977.

V. Vídeo

- Vídeo documentário – “Botinada - a origem do punk no Brasil. De Gastão Moreira, 2006.
Depoimentos de Tina (Punk SP), Pierre (banda Cólera), Zorro (banda M19), Valson (banda AI-5), Ariel (banda Restos de Nada) e Clemente (banda Inocentes).

VI. História Oral – Depoentes e data da entrevista:

- Antonio Carlos de Oliveira, 20/07/2006.
- Orlando Saltini, 19/08/2006.
- Fábio R. Sampaio, 19/01/2007.

VII. Cartas endereçadas (década de 1980) ao NCP – Núcleo de Consciência Punk:

- Remetente: Ivo – Casa Verde Alta – SP.
- Remetente: Érica – Butantã – SP.
- Remetente: Creonice – São Domingos/Butantã – SP.
- Remetente: Carlos – São Mateus – SP, dez.1987.

ACERVOS:

- CEDIC-PUC/SP – Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”.
- Biblioteca Mário de Andrade.
- Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri – PUC/SP.
- Anuário Estatístico do Brasil, 1980, FIBGE.
- Dicionário Eletrônico Aurélio – Século XXI.
- CCS – Centro de Cultura Social, caderno nº1 e transcrição de palestra proferida em 05/12/1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude/contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, n°s. 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun Khoury; MACIEL, Laura Antunes; (Orgs). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Ed. Olho D'água, 2005.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da Educação. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

ARANTES NETO, Antonio Augusto. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BIVAR, Antonio. O que é punk. 4º ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

BRITO, Mônica A.; MACIEL, Eduardo; OLIVEIRA, Clodoaldo R. de; SANTOS, Ana Paula C. dos; SILVA; Getúlio P.. O movimento punk na cena paulistana – década de 80. São Paulo: Biblioteca da Unicastelo (TCC), 2005. Xerografado.

- CARMO, Paulo Sérgio do. *Cultura da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Senac, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural – o direito da cultura*. 1º ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- _____. *Simulacro e poder – uma análise da mídia*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Ed. Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- COSTA, Marcia Regina da. *Culturas juvenis, globalização e localidades*. In: COSTA, Marcia Regina da. SILVA, Elizabeth Murilho. (Orgs). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.
- DAMASCENO, Francisco José Gomes. *Sutil diferença: o movimento punk e o movimento hip hop em Fortaleza – grupos mistos no universo citadino contemporâneo*. Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC/SP, 2004.
- EAGLETON, Terry. *Depois da teoria – um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005.
- ESSINGER, Silvia. *Punk – Anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- EISENSTADT, S. N. *De geração em geração*. Tradução de Sérgio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectivas, 1968.
- FORACCHI, Marialice Mencarine. *A juventude na sociedade Moderna*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1972.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

- HOLANDA, Heloisa Buarque de. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.
- KHOURY, Yara Maria Aun. Edgard Leuenroth: Uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.
- LEITE, Ligia Costa. A razão dos invencíveis: meninos de rua – o rompimento da ordem (1554-1994). Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPUB, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na Sociedade de Massas. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- O'HARA, Craig. A filosofia punk: Mais do que barulho; tradução Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- OLIVEIRA, Antonio Carlos de. Os fanzines contam uma história sobre punks. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2006.
- ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.
- PEDERIVA, Ana Bárbara Aparecida. Jovem Guarda: Cronistas sentimentais da Juventude. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O que é contracultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- RAUL SEIXAS. Raul Seixas por ele mesmo. São Paulo: Martin Claret, 1990.
- RENATO RUSSO. Conversações com Renato Russo. Campo Grande: Revista Letra Livre, 1996.

- SALEM, Helena. As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo; coordenação Emir Sader. São Paulo: Atual, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. 4º Edição. São Paulo: Editora Mauad, 2007.
- SOUSA, Rafael Lopes de. Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva. São Paulo (1983-1996). São Paulo: Edições Pulsar, 2002.
- SOUZA, Heder Cláudio Augusto e PEDROSO, Helenrose Aparecida da Silva. Absurdo da realidade: o movimento punk. São Paulo: biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1983. Xerografado.
- THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- _____. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Companhia da Letras. São Paulo, 1998.
- VELHO, G. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. A pesquisa em História. 4º edição. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- WOODCOCK, George. História das idéias e movimentos anarquistas – V. 1: A idéia; tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- _____. História das idéias e movimentos anarquistas – V. 2: O movimento; tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2006.